

Percursos profissionais e de vida dos licenciados da UAb

2ª edição

(diplomados em 2014 e 2015)

Relatório Síntese

Março de 2018

Ficha Técnica

Título: Percursos profissionais e de vida dos licenciados da UAb – 2ª edição

Autores: Pedro Abrantes (coord.), Bárbara Bäckström, Isabel Falé, Susana Henriques, Marc Jacquinet, Olga Magano, Cláudia Neves, Maria do Rosário Ramos, Ana Paula Silva

Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta

Instituição: Universidade Aberta

Local: Lisboa

Data de finalização do relatório: Março de 2018

Este Relatório tem licença Creative Commons *Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*



Índice

Introdução.....	4
1. Nota metodológica.....	6
2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta	8
3. Percursos dos licenciados na Universidade Aberta	14
4. Balanço de competências e de relações desenvolvidas na licenciatura.....	21
5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho.....	27
6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta.....	37

Introdução

Este relatório tem por objetivo apresentar os principais resultados da 2ª edição do *Questionário aos Percursos Profissionais e de Vida da Universidade Aberta*, aplicado entre Abril e Junho de 2017 à população que se licenciou nesta instituição nos anos de 2014 e 2015.

A aplicação de questionários de “follow-up” aos diplomados é uma prática que se vai tornando corrente nas instituições de ensino superior, em Portugal como um pouco por todo o mundo, e que se começa a alargar aos estudantes do ensino secundário, nomeadamente nas suas ofertas profissionalizantes. Ao aferir as perceções, experiências e condições dos diplomados, um a três anos após a conclusão dos seus estudos, é possível recolher um balanço mais amadurecido das aprendizagens realizadas, assim como do seu impacto nas vidas dos indivíduos, considerando que tais impactos não são, geralmente, imediatos.

A aplicação deste tipo de questionários resulta da responsabilidade crescente que as instituições educativas têm relativamente ao impacto social da sua atividade. Assumem, portanto, as instituições de ensino superior o desígnio de conhecer – e dar a conhecer – o que os estudantes manifestam em relação às aprendizagens e qualificações que a instituição lhes proporcionou, não apenas durante a frequência dos cursos, mas também no desenrolar das suas vidas pessoais e profissionais. Num espectro mais amplo, a aplicação deste questionário periódico resulta de uma vontade de aferir e melhorar continuamente a qualidade do trabalho educativo, cruzando-o com o efeito de mudanças na instituição, nos perfis dos estudantes, no mercado laboral e na sociedade em geral.

Esta segunda edição do estudo representa não apenas o alargamento, a atualização e o aperfeiçoamento dos dados – embora esse aspeto não seja de negligenciar –, mas também uma multiplicação de possibilidades analíticas, nomeadamente de carácter comparativo e diacrónico. Além disso, foi já desenvolvida no âmbito do recém-criado *Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta*, com uma equipa mais alargada de professores e investigadores em relação à 1ª edição, incluindo membros de todos os departamentos da instituição (Departamento de Ciências Sociais e de Gestão, Departamento de Educação e Ensino a Distância, Departamento de Ciências e Tecnologia e Departamento de Humanidades), o que reflete também a consolidação de uma prática institucional que estamos convictos e convictas que perdurará no tempo, com potencialidades para o planeamento e gestão da Universidade, bem como para a sua relação com os seus diferentes públicos e parceiros.

Neste âmbito, o presente relatório visa apenas colocar à disposição um primeiro conjunto de resultados desta segunda edição do questionário, de forma descritiva e sintética. Dada a riqueza dos dados recolhidos, vários aprofundamentos analíticos e comparações diacrónicas serão desenvolvidos pela equipa, em comunicações e artigos científicos, sendo também possível realizar análises mais detalhadas de algumas dimensões específicas, por solicitação da própria instituição, sempre que se considerar que isso poderá contribuir para informar e fundamentar processos de regulação e melhoria de programas e práticas.

Não querendo aqui antecipar a leitura do relatório, do qual cada leitor poderá retirar os elementos que mais o poderão interpelar ou surpreender, de acordo com os seus próprios conhecimentos e interesses, merecem ser destacados, desde já, dois aspetos. Por um lado, uma consistência muito significativa dos resultados quando comparados com a primeira edição do questionário, confirma a robustez da metodologia, bem como uma certa estabilidade do trabalho que tem vindo a desenvolver a Universidade Aberta e do seu reconhecimento

público, até com alguns sinais mais positivos, mas que importará ler à luz de uma relativa melhoria das condições sociais e económicas, face ao momento da primeira aplicação do questionário (2015), ainda muito marcado pelos efeitos da crise económica.

Por outro lado, os resultados confirmam que a Universidade Aberta se destaca por uma oferta claramente orientada para estudantes adultos, trabalhadores a tempo inteiro e com o ensino secundário completo, espalhados por todo o território nacional e inclusive noutros países, a maioria dos quais não teria possibilidades de frequentar o ensino superior em outra modalidade. Estes estudantes revelam-se genericamente satisfeitos com a realização da licenciatura na instituição, mais com certos aspetos do que com outros, como é natural. Uma proporção significativa tem já registado impactos positivos na sua carreira laboral, ainda que seja também de assinalar o número expressivo de licenciados para quem a progressão laboral não era um objetivo a atingir com os estudos superiores, o que varia também em função da idade.

Pelo apoio relevante para o êxito deste estudo, resta-nos agradecer ao Sr. Vice-Reitor, Professor Domingos Caeiro, ao Gabinete de Gestão Académica e Curricular, à Professora Mariana Gaio Alves (consultora externa), aos serviços informáticos da universidade, aos serviços administrativos do núcleo do Porto e, acima de tudo, às centenas de licenciados da Universidade Aberta que dedicaram algumas dezenas de minutos a responder a este questionário.

Lisboa, Março de 2018

A equipa do Observatório

1. Nota metodológica

Com o objetivo de potenciar o seguimento de alguns indicadores e tendo em conta a avaliação positiva que se obteve na primeira edição deste questionário, a equipa do observatório decidiu, no arranque da segunda edição, manter a metodologia e apenas introduzir melhorias pontuais no questionário que tornassem algumas perguntas mais claras, de modo a obter respostas mais completas e fiáveis, nos casos em que foram detetadas dificuldades. Além disso, foi acrescentada uma questão específica, relativa à empregabilidade, no sentido de recolher dados e disponibilizar informação que é solicitada no âmbito dos processos de avaliação dos cursos do ensino superior.

Assim sendo, optou-se pela manutenção da estrutura do questionário, organizado em 5 blocos de questões, que refletem os objetivos centrais deste estudo:

- A) o perfil dos licenciados e das licenciadas, incluindo origens sociais, área de residência e percurso educativo e profissional anteriores à realização do curso;
- B) o percurso desses e dessas estudantes na Universidade Aberta, compreendendo o curso e o *minor* frequentado, os motivos e modalidades de ingresso, a duração da sua realização, a situação profissional ao longo do curso e as condições de estudo;
- C) o balanço de competências e relações, abarcando as representações dos inquiridos e das inquiridas acerca das competências desenvolvidas e as relações construídas na licenciatura;
- D) o impacto percebido da realização da licenciatura, não apenas nas condições e trajetórias laborais, mas também na vida familiar, cultural e cívica;
- E) os projetos de futuro, contemplando necessidades e interesses de formação superior e ao longo da vida.

O facto de o questionário ser muito semelhante ao aplicado na primeira edição e face à necessidade de produção rápida de resultados prescindiu-se da fase de pré-teste.

Tal como na primeira edição, optou-se pela aplicação eletrónica do questionário, considerando as suas vantagens para o acesso a uma população que se encontra espalhada por diversas regiões do país e no estrangeiro, mas também pela facilidade e velocidade que esta modalidade introduz no contacto com os inquiridos e as inquiridas, no processo de resposta e na recolha dos dados.

A aplicação do inquérito teve o apoio dos Serviços de Informática (SI) e do Gabinete de Gestão Académica e Curricular (GGAC). O questionário foi colocado *online*, utilizando-se desta vez a ferramenta interna que a universidade desenvolveu e tem vindo a utilizar para aplicação de questionários.

Todos os licenciados que concluíram os seus cursos em 2014 e 2015 foram convidados a responder ao questionário, através de um e-mail enviado a 8 de maio pelo coordenador do Observatório e pelo Sr. Vice-Reitor para a Gestão Académica e Interação com a Sociedade e Coordenador do GGAC, ao qual se seguiu uma mensagem de reforço para a resposta a 21 de maio. O prazo limite estipulado para o preenchimento do questionário foi o dia 31 de maio, mas a plataforma manteve-se aberta durante o mês de Junho, no sentido de alargar a taxa de resposta.

O Gabinete de Gestão Académica e Curricular garantiu o acompanhamento e esclarecimento de todas as dúvidas e dificuldades reportadas pelos inquiridos e pelas inquiridas, remetendo quando necessário, as questões aos serviços informáticos e à coordenação do estudo. Foram

poucas as situações em que foi necessário intervir, visto que o questionário e a plataforma em que este ficou alojado se revelaram genericamente eficazes, tendo as dificuldades reportadas na sua utilização sido meramente pontuais.

Foi ainda importante o apoio da delegação da Universidade Aberta no Porto, cujos serviços administrativos se disponibilizaram, durante o mês de junho, para contactar telefonicamente os diplomados e as diplomadas que ainda não haviam respondido ao questionário, nomeadamente do curso de Gestão, que foi aquele que, no final de maio, havia sido identificado como tendo uma menor taxa de resposta.

A tabela 1.1 permite observar a dimensão da amostra considerada válida face ao universo de licenciados da Universidade Aberta em 2014 e 2015, bem como a sua distribuição pelas licenciaturas oferecidas pela instituição. Ainda que as taxas de resposta tivessem sido, inicialmente, mais elevadas, indicam-se na tabela apenas as respostas validadas depois de uma primeira análise das respostas. Visto que a plataforma atribui um código ao inquirido logo que acede à plataforma, registaram-se casos de pessoas que acabaram por não preencher o questionário ou não o gravar, tendo esses casos sido retirados da amostra, para efeitos da análise. Em todo o caso, mesmo depois deste procedimento estatístico de rotina, as taxas de resposta obtidas estão em linha com o registado na primeira edição e na generalidade dos questionários de acompanhamento dos licenciados que têm sido realizados, por outras instituições do ensino superior.

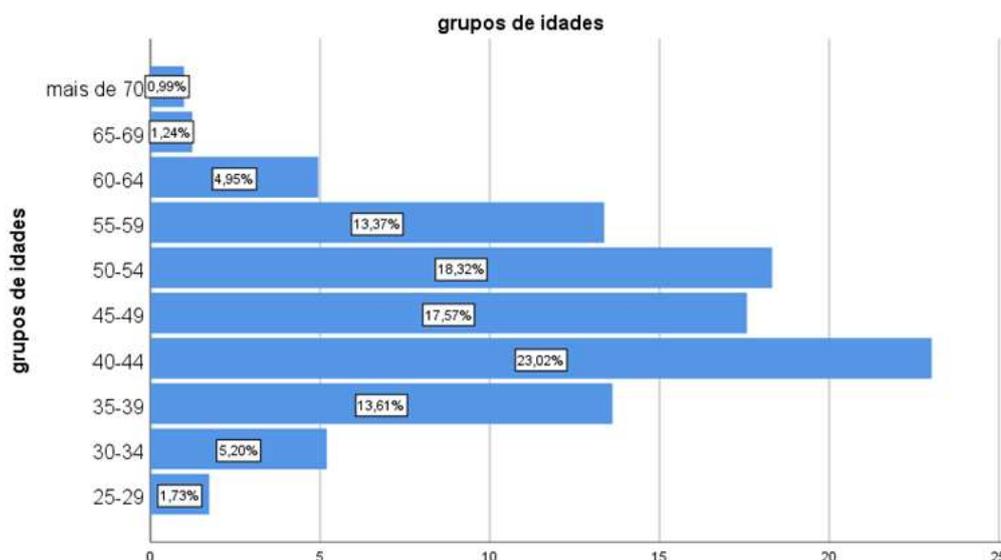
Tabela 1.1. Número total de licenciados e de respostas válidas ao questionário, segundo a licenciatura

	Universo	Respostas	
		N	%
Ciências da Informação e da Documentação	87	29	33
Ciências do Ambiente	44	22	50
Ciências Sociais	413	155	38
Educação	162	59	36
Estudos Artísticos	22	14	64
Estudos Europeus	49	28	57
Gestão	170	55	32
História	59	28	47
Informática	13	8	62
Matemática e Aplicações	1	0	0
Línguas Aplicadas & Línguas, Literaturas e Culturas	59	22	37
Totais	1079	420	39

2. Perfil sociodemográfico dos licenciados da Universidade Aberta

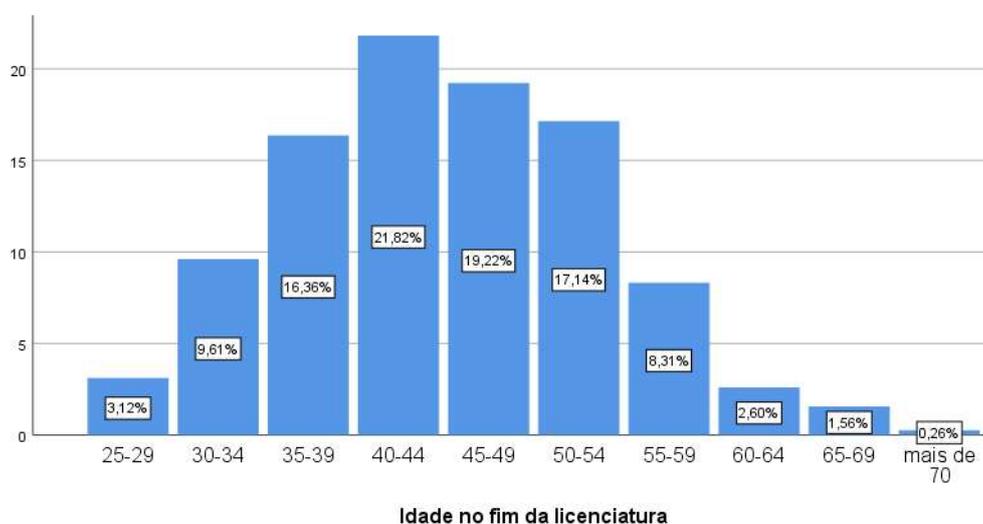
Começando por traçar um breve perfil dos licenciados da Universidade Aberta, constata-se que em termos etários são essencialmente indivíduos que se encontram atualmente nas faixas etárias entre os 40 e os 54 anos (ver gráfico 2.1), situação em que se encontram quase 60% dos diplomados e diplomadas.

Gráfico 2.1 Idade atual dos diplomados que concluíram as licenciaturas em 2014 ou 2015



Quanto à idade de conclusão de licenciatura, observamos que a maioria dos graduados terminou a licenciatura entre os 40 e os 49 anos (ver gráfico 2.2).

Gráfico 2.2 Idade dos licenciados da UAb no final da licenciatura



No que se refere à distribuição por género, as mulheres representam mais de metade da amostra (56,2%), numa proporção que, ainda assim, é menos assimétrica do que aquela que se tem verificado nos últimos anos ao nível do ensino superior, em Portugal (gráfico 2.3). A

proporção de mulheres é superior em todas as faixas etárias, exceto na faixa etária 60-64 (gráfico 2.4).

Gráfico 2.3 Género dos licenciados e das licenciadas da UAb

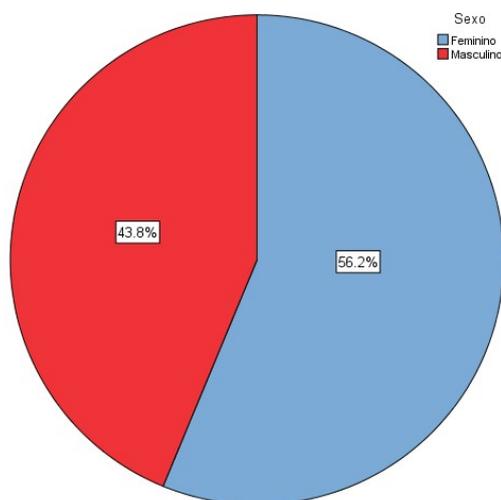
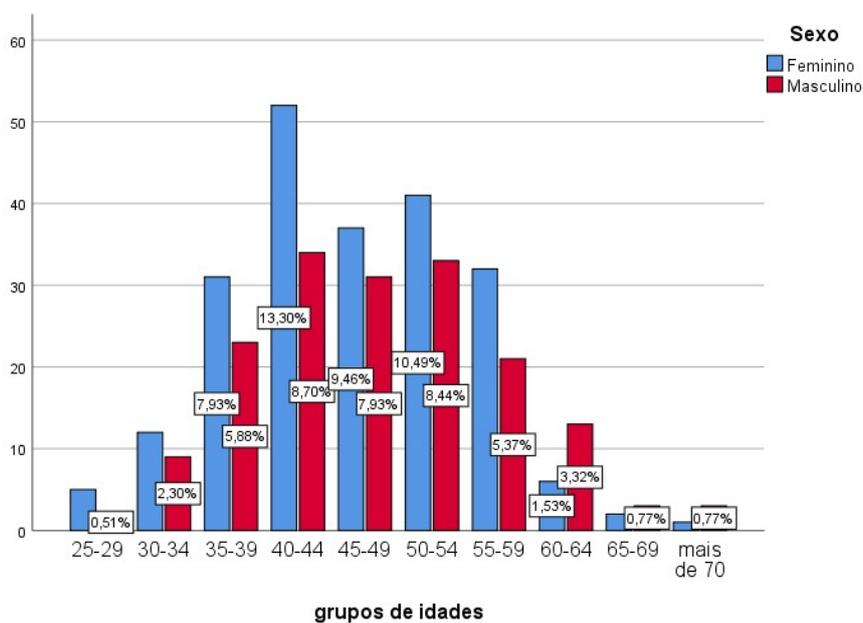
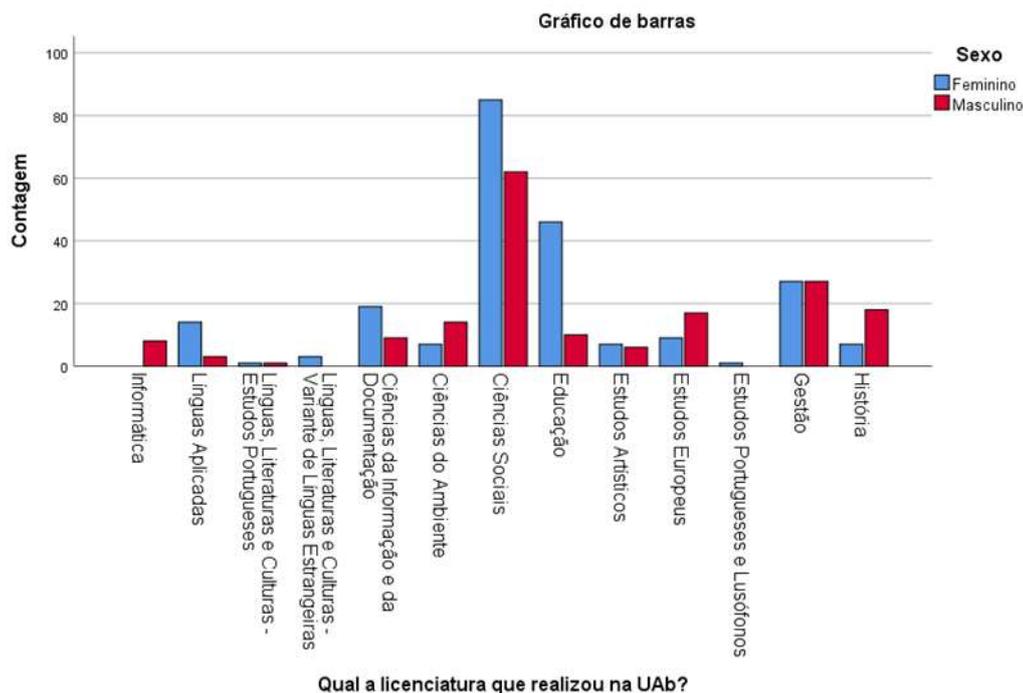


Gráfico 2.4 Género por Idade



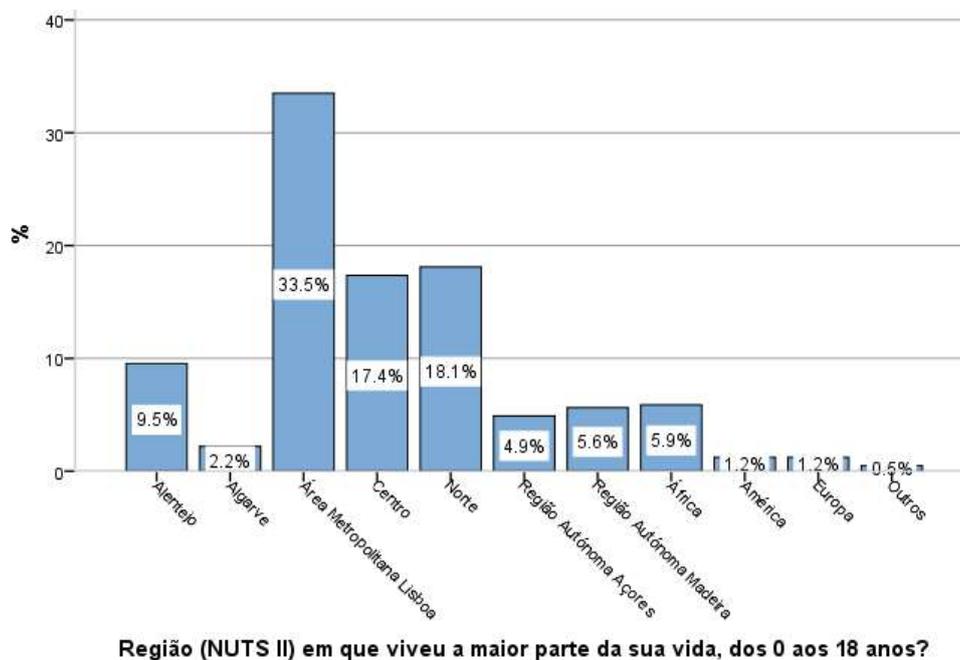
Esta tendência apenas é invertida em algumas áreas de formação. Relativamente à distribuição de género por licenciaturas na Universidade Aberta, é em Informática, Ciências do Ambiente, Estudos Europeus e História onde encontramos mais estudantes do sexo masculino (gráfico 2.5).

Gráfico 2.5 Licenciados e Licenciadas em 2014 e 2015, segundo o género e a licenciatura



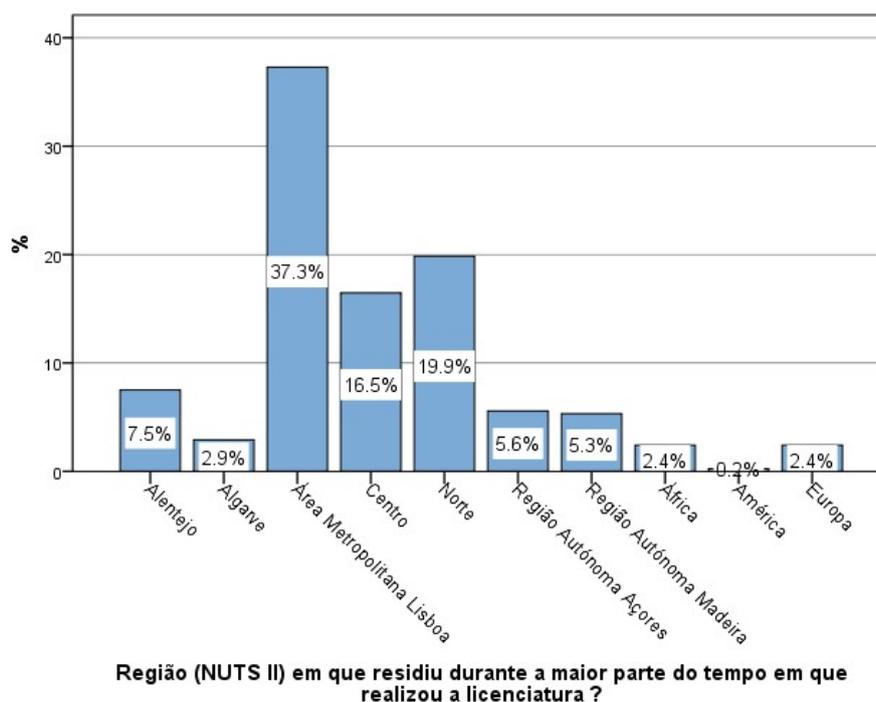
Em termos de zona de residência (NUT II), os graduados e as graduadas nos anos de 2014 e 2015 viveram a maior parte da infância e adolescência na Área Metropolitana de Lisboa (33,5%), na Região Centro (17,4%) e na Região Norte (18,1%).

Gráfico 2.6 Região (NUTSII) de residência até aos 18 anos



A região de residência durante a licenciatura é semelhante à região onde habitaram até aos 18 anos, concentrando-se a maioria dos graduados na Área Metropolitana de Lisboa (37,3%), na Região Centro (16,5%) e na Região Norte (19,9%).

Gráfico 2.7 Região de residência durante a licenciatura



O número de licenciados a residir no estrangeiro durante o período de realização da licenciatura é de 5% nesta coorte.

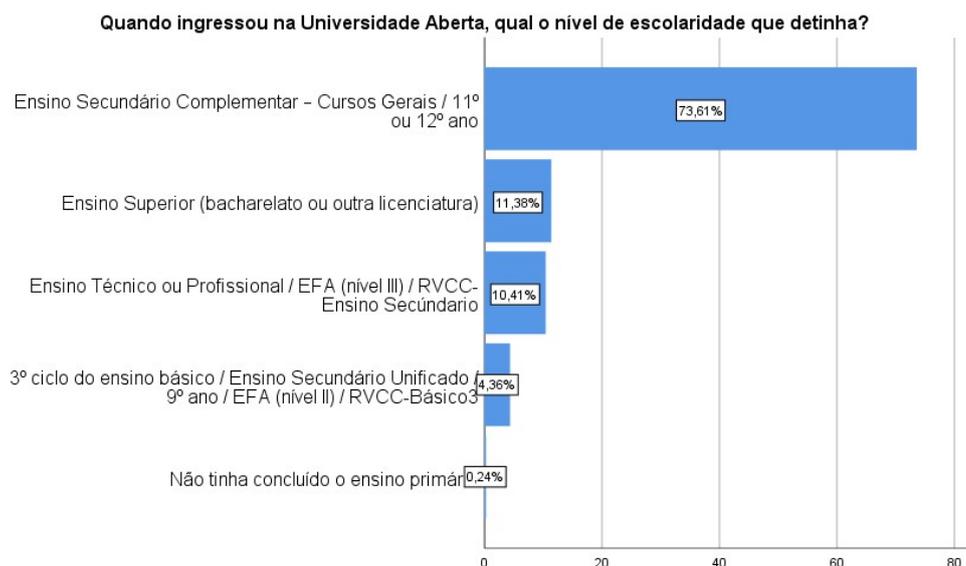
Uma análise da mobilidade dos 406 respondentes relativamente às duas fases da sua vida (ver tabela 2.1) revela que, na generalidade das situações, o local de residência mantém-se, embora se identifiquem algumas regiões que apresentam padrões significativos de mobilidade. Por exemplo, dos 39 licenciados que viveram a maior parte da sua vida até aos 18 anos na região do Alentejo, 24 (61,5%) mantiveram a residência durante a licenciatura, 7 (17,9%) viviam na área Metropolitana de Lisboa durante o tempo da licenciatura, 5 (12,8%) viviam na região Centro e 3 (7,7%) viviam em outros países da Europa. Outro grupo que evidencia alguma mobilidade é composto pelos 70 licenciados que viveram na Região Centro até aos 18 anos. Neste caso, 48 licenciados residiam durante o período de realização da sua licenciatura na mesma região (66,8%), mas 14 (20%) viviam na área Metropolitana de Lisboa durante o tempo da licenciatura. É também curioso o comportamento dos 24 licenciados que viveram em África até aos 18 anos. Destes, 9 (37,5%) residiam em África durante a sua licenciatura na UAb e 15 (62,5%) residiam em Portugal, 5 (20,8%) na Área Metropolitana de Lisboa, 4 (16,7%) na Região Centro, 5 (20,8%) na Região Norte e 1 nos Açores.

Tabela 2.1 – Região (NUTS II) de residência durante a licenciatura

Região (NUTS II) em que viveu a maior parte da sua vida, dos 0 aos 18 anos?	Região (NUTS II) em que residiu durante a maior parte do tempo em que realizou a licenciatura ?										Total
	Alentejo	Algarve	Área Metropolitana na Lisboa	Centro	Norte	Região Autónoma Açores	Região Autónoma Madeira	África	América	Europa	
Alentejo	Contagem 24	0	7	5	0	0	0	0	0	3	39
	% em Região 61.5%	0.0%	17.9%	12.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	7.7%	100.0%
Algarve	Contagem 0	8	1	0	0	0	0	0	0	0	9
	% em Região 0.0%	88.9%	11.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%
Área Metropolitana Lisboa	Contagem 4	2	117	7	3	1	0	0	1	1	136
	% em Região 2.9%	1.5%	86.0%	5.1%	2.2%	0.7%	0.0%	0.0%	0.7%	0.7%	100.0%
Centro	Contagem 1	0	14	18	5	1	0	0	0	1	70
	% em Região 1.4%	0.0%	20.0%	68.6%	7.1%	1.4%	0.0%	0.0%	0.0%	1.4%	100.0%
Norte	Contagem 1	1	5	1	62	1	0	0	0	2	73
	% em Região 1.4%	1.4%	6.8%	1.4%	84.9%	1.4%	0.0%	0.0%	0.0%	2.7%	100.0%
Região Autónoma Açores	Contagem 0	1	0	0	2	17	0	0	0	0	20
	% em Região 0.0%	5.0%	0.0%	0.0%	10.0%	85.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%
Região Autónoma Madeira	Contagem 0	0	1	0	1	0	20	0	0	1	23
	% em Região 0.0%	0.0%	4.3%	0.0%	4.3%	0.0%	87.0%	0.0%	0.0%	4.3%	100.0%
África	Contagem 0	0	5	4	5	1	0	9	0	0	24
	% em Região 0.0%	0.0%	20.8%	16.7%	20.8%	4.2%	0.0%	37.5%	0.0%	0.0%	100.0%
América	Contagem 0	0	2	0	0	1	1	0	0	1	5
	% em Região 0.0%	0.0%	40.0%	0.0%	0.0%	20.0%	20.0%	0.0%	0.0%	20.0%	100.0%
Europa	Contagem 1	0	1	1	1	0	0	0	0	1	5
	% em Região 20.0%	0.0%	20.0%	20.0%	20.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	20.0%	100.0%
Outros	Contagem 0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
	% em Região 0.0%	0.0%	0.0%	100.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100.0%
Total	Contagem 31	12	153	68	79	22	21	9	1	10	406
	% em Região 7.6%	3.0%	37.7%	16.7%	19.5%	5.4%	5.2%	2.2%	0.2%	2.5%	100.0%

A maioria dos licenciados, quando ingressou na Universidade Aberta, detinha o ensino secundário completo (73,6% do total de respostas). Curioso é verificar que, em segundo lugar, com 11,4 % de respostas, destacam-se os estudantes que já detinham um nível de habilitações literárias correspondente ao ensino superior (bacharelato ou outra licenciatura). Muitos destes serão aqueles que ingressaram através da transferência de outra instituição e terminaram a licenciatura em 3 anos ou menos, como veremos mais adiante no capítulo 3. Um número reduzido, mas ainda assim relevante (10,4%), obteve uma qualificação equivalente ao ensino secundário, através do programa de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

Gráfico 2.8 Nível de escolaridade quando ingressou na Universidade Aberta

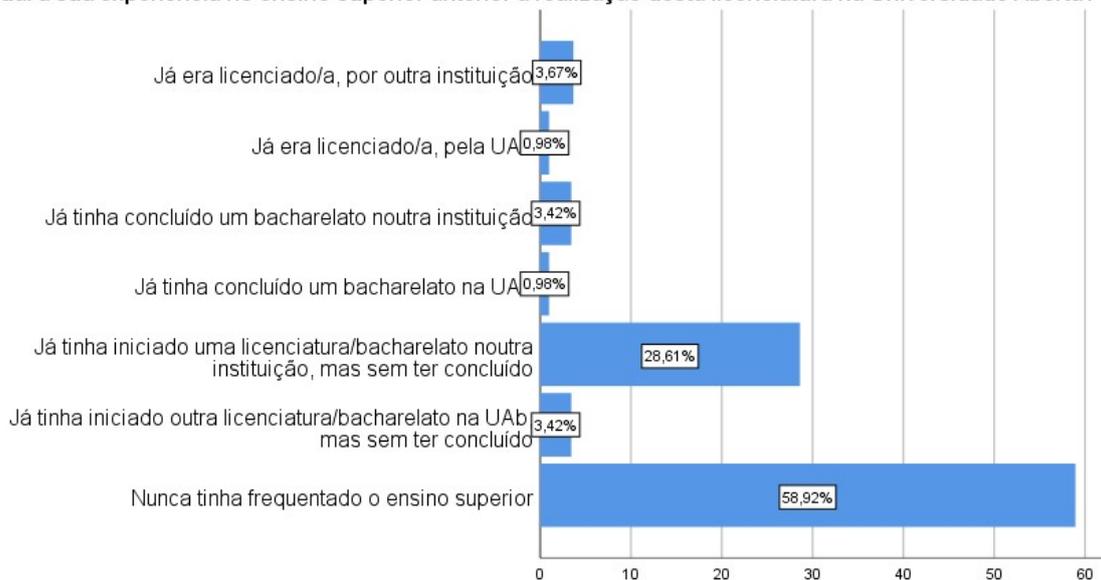


Entre os licenciados e as licenciadas que responderam ao inquérito, 41% referiu já ter tido alguma experiência anterior no ensino superior e quase 59% nunca tinha frequentado o ensino superior antes de realizar a licenciatura na Universidade Aberta.

Dos licenciados e das licenciadas que já tinham experiência no ensino superior, 28,6% já tinha iniciado uma licenciatura/bacharelato numa outra instituição, mas sem ter concluído, e apenas 3,7% já era licenciado/a por outra instituição ou pela Universidade Aberta (0,98%), sendo esta a segunda licenciatura.

Gráfico 2.9 Experiência anterior no Ensino Superior

Qual a sua experiência no ensino superior anterior à realização desta licenciatura na Universidade Aberta?



Analisando os dados relativos à escolaridade dos progenitores e das progenitoras, no seu conjunto, observa-se que mais de metade (55,7% dos pais e 61,9% das mães) dos licenciados e das licenciadas da Universidade Aberta tem progenitores com escolaridade inferior ou igual ao 1º ciclo do ensino básico. Há um pouco mais de mães com o 2º ciclo do ensino básico (13,7% das mães e 11,1% dos pais), mas há mais pais com o ensino secundário (21,5% dos pais e 14,2% das mães).

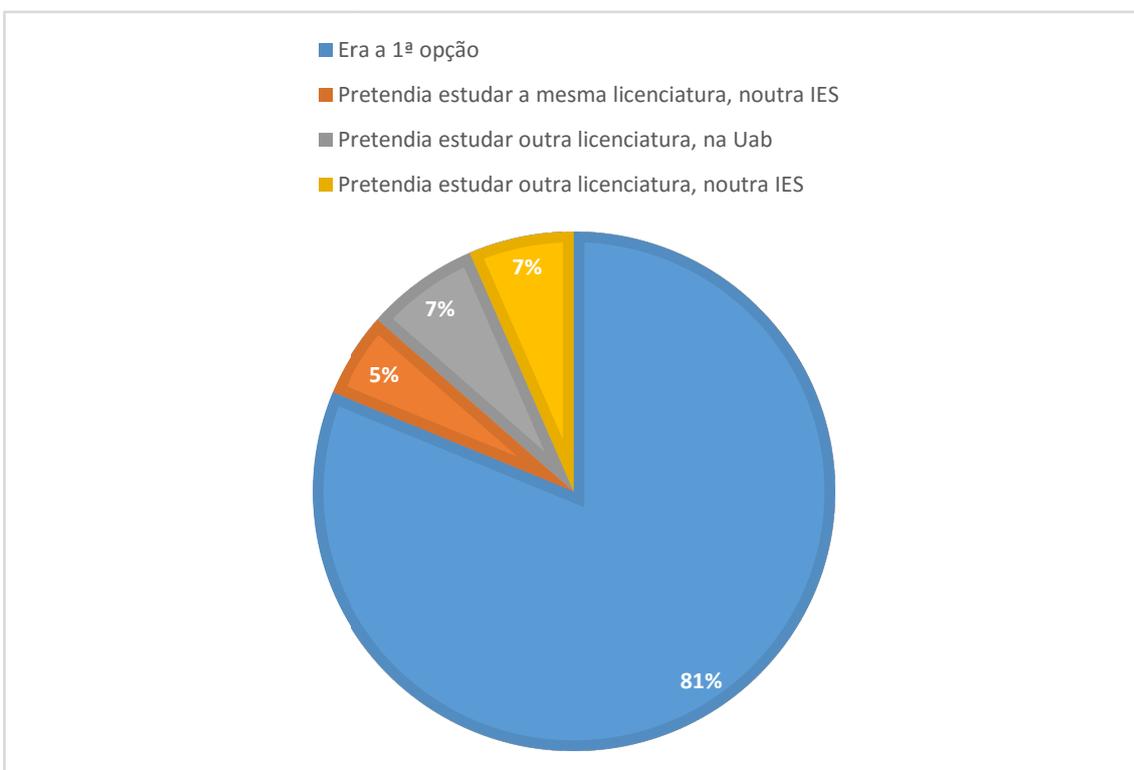
No que concerne aos irmãos, o seu nível de escolaridade concentra-se no ensino superior e secundário. O mesmo acontece no que diz respeito ao cônjuge: as habilitações literárias concentram-se no ensino superior e no ensino secundário. Quanto aos filhos e filhas dos diplomados e diplomadas da UAb, registam-se mais casos de frequência no ensino superior. Esta constatação confirma os estudos que têm apontado para uma certa homogamia de qualificações no agregado familiar, o que faz com que frequentemente os membros do agregado que possuem níveis mais baixos de habilitações literárias estejam entre os mais propensos a ingressar em percursos formativos.

Em termos das classes sociais de origem, existe uma distribuição bastante heterogénea da ocupação profissional dos pais dos licenciados da Universidade Aberta, englobando todas as principais categorias profissionais. Ainda assim, encontram-se em maior número os operários industriais, empregados dos serviços e técnicos superiores. No caso das mães, predomina a ocupação "trabalhador rural, servente das obras ou empregada doméstica". Relativamente ao cônjuge há uma clara predominância de profissionais qualificados (ou técnicos superiores).

3. Percursos dos licenciados na Universidade Aberta

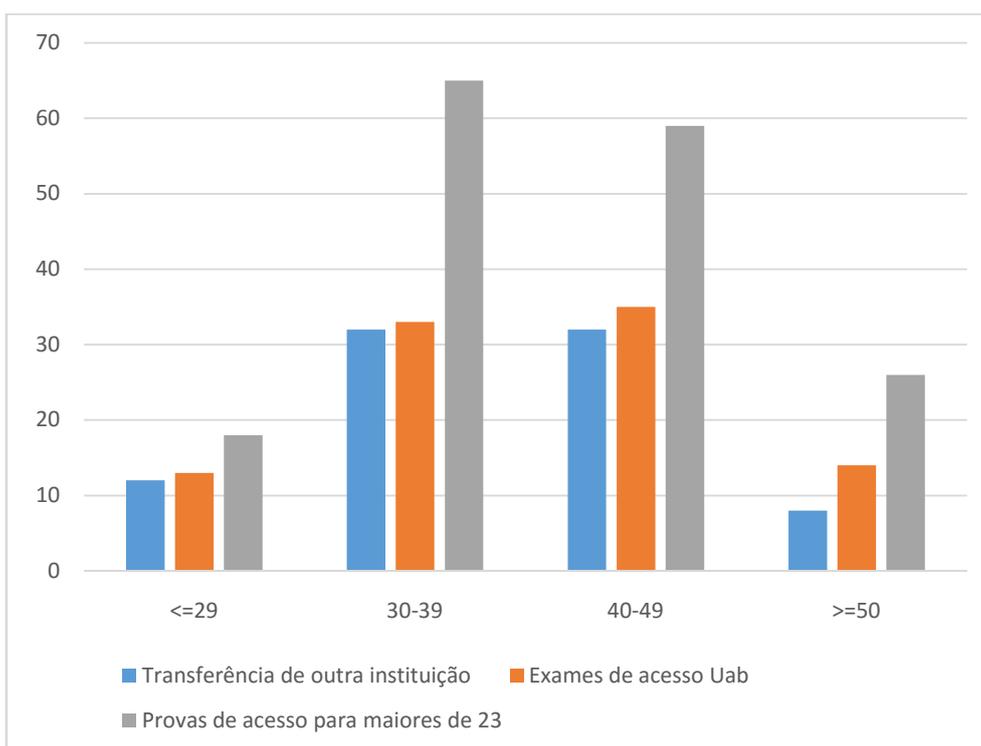
Mapear os percursos académicos dos licenciados da Universidade Aberta constitui um elemento importante para o conhecimento desta temática e para a definição de estratégias institucionais. Um primeiro aspeto a ter em conta prende-se com o facto de 88% dos licenciados indicar que a Universidade Aberta constituiu a primeira opção na frequência do ensino superior (gráfico 3.1). A larga maioria (81%) escolheu o curso que realizou como primeira opção. Este resultado, que aliás já se verificara na primeira edição do questionário, aponta para que esta instituição representa efetivamente a opção pretendida para um certo perfil de estudantes (ver capítulo anterior) e raramente uma opção de recurso face à impossibilidade de frequentar outra instituição.

Gráfico 3.1 Opção inicial da licenciatura dos diplomados da Universidade Aberta



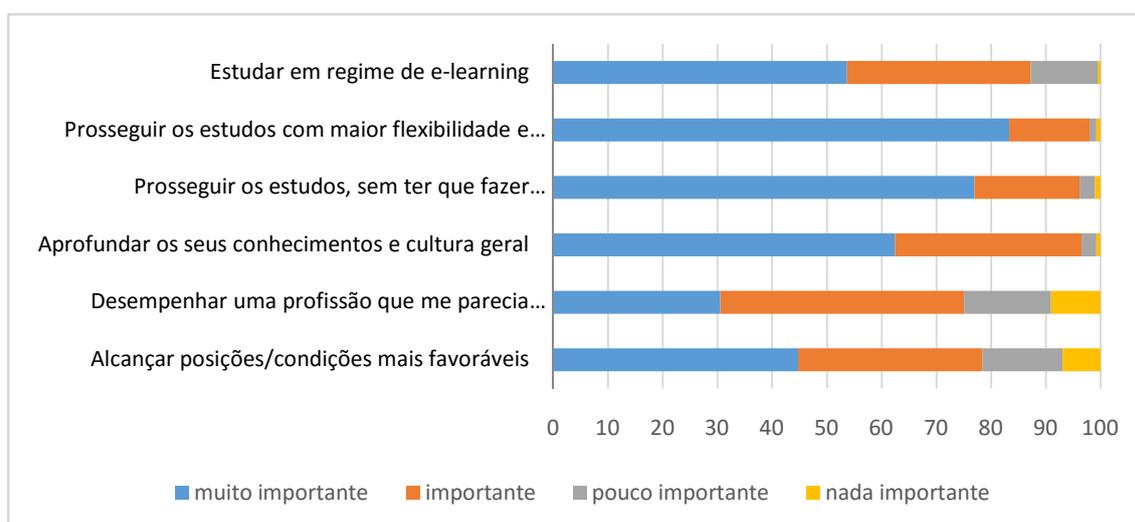
A maioria dos diplomados da Universidade Aberta, em 2014 e 2015, ingressou na Universidade Aberta através da prova geral para maiores de 23 anos, ainda que os exames da própria universidade e a transferência de outra instituição do ensino superior tenham sido igualmente vias de acesso bastante utilizadas, com poucas variações segundo o grupo etário (gráfico 3.2). Este resultado é relevante, uma vez que confirma o trabalho da instituição na criação, divulgação e implementação de diferentes modalidades de acesso, mas revela também que a maioria dos alunos acaba por utilizar a via geral de acesso ao ensino superior para os adultos, submetendo-se à mesma prova nacional que os candidatos às restantes universidades do país, o que constitui um elemento de credibilidade.

Gráfico 3.2 Modalidade de ingresso na Universidade Aberta, segundo a idade de ingresso



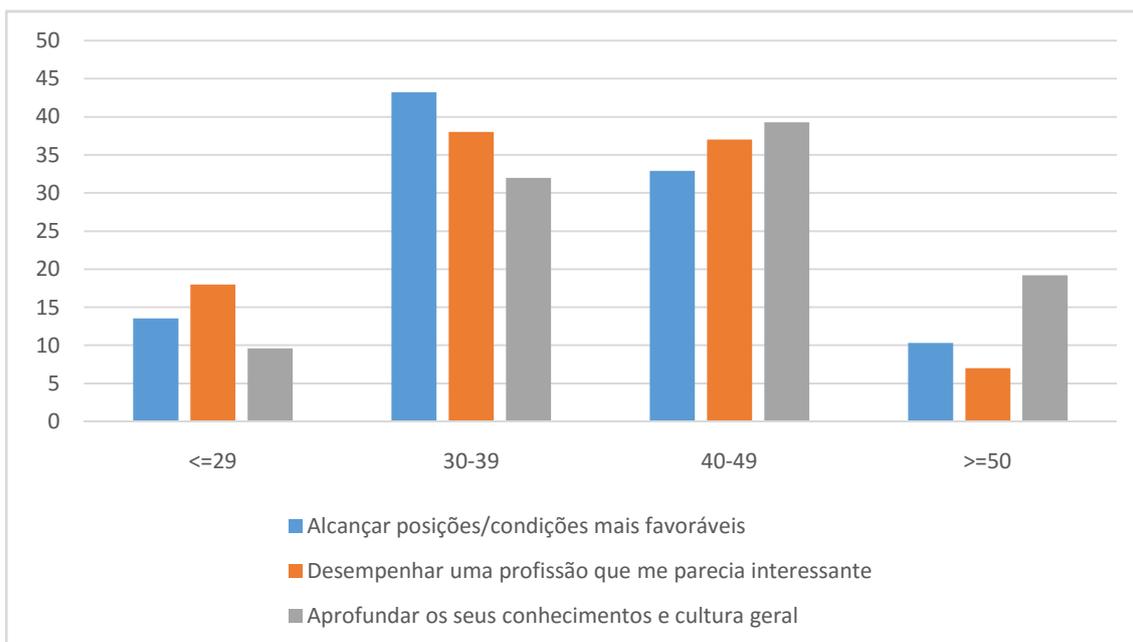
No que diz respeito às motivações para a realização de uma licenciatura da Universidade Aberta, aquelas que reuniram o consenso dos diplomados foram a possibilidade de estudar com flexibilidade, autonomia e sem realizar deslocações frequentes (gráfico 3.3). Também o aprofundamento do conhecimento e da cultura geral, embora não alcance valores tão elevados na categoria “muito importante”, foi assinalada pela generalidade dos diplomados como uma motivação “importante”. Por seu lado, motivações como desempenhar uma profissão interessante ou alcançar uma posição/condição laboral favorável são muito valorizadas por uma parte dos diplomados, mas pouco valorizadas por outra parte, o que aponta para a heterogeneidade dos perfis já explorados no capítulo anterior. Valores muito idênticos haviam sido registados na geração anterior de diplomados.

Gráfico 3.3 Importância atribuída a diferentes motivos para o ingresso na Universidade Aberta



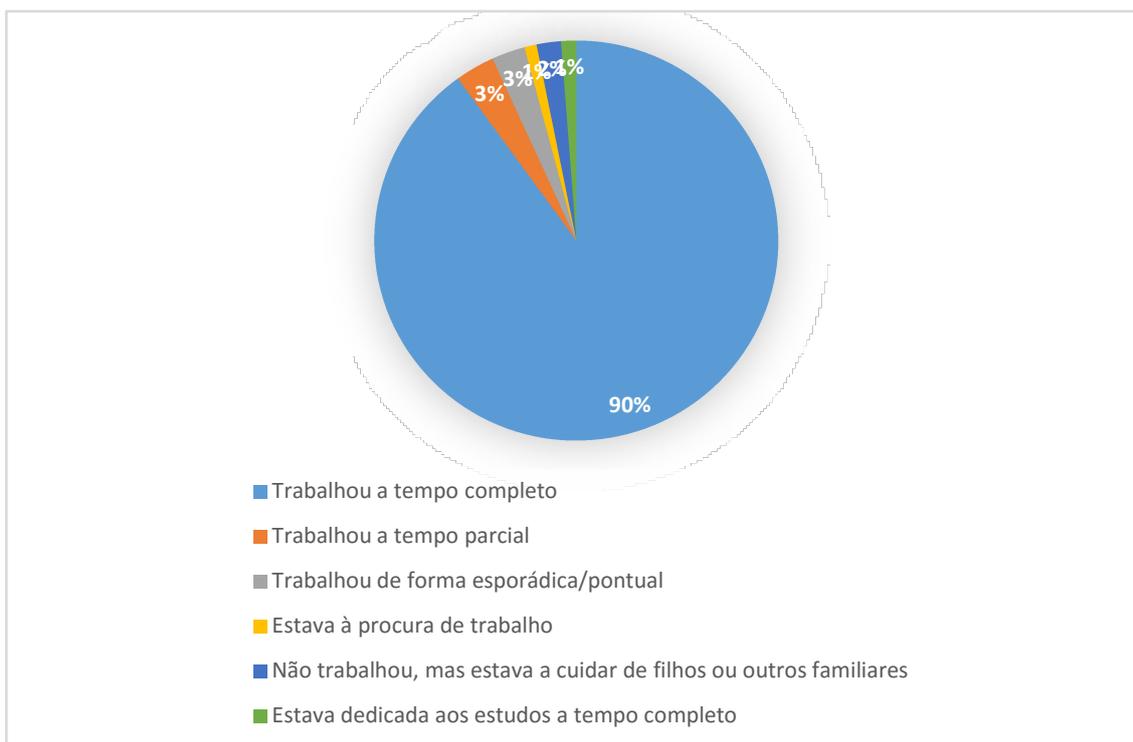
Como seria expectável, a procura por profissões mais interessantes ou com melhores condições são mais comuns entre aqueles que entraram na licenciatura numa idade mais jovem, nomeadamente, antes dos 40 anos, mas é menos valorizado nos segmentos etários mais velhos, nos quais a vontade de ampliar o conhecimento e a cultura assumem maior importância (gráfico 3.4). Em todo o caso, não deixa de ser notória uma heterogeneidade de motivações, em qualquer das faixas etárias.

Gráfico 3.4 Alguns fatores que os diplomados consideraram “muito importantes” para o ingresso na Universidade Aberta, segundo a idade de ingresso



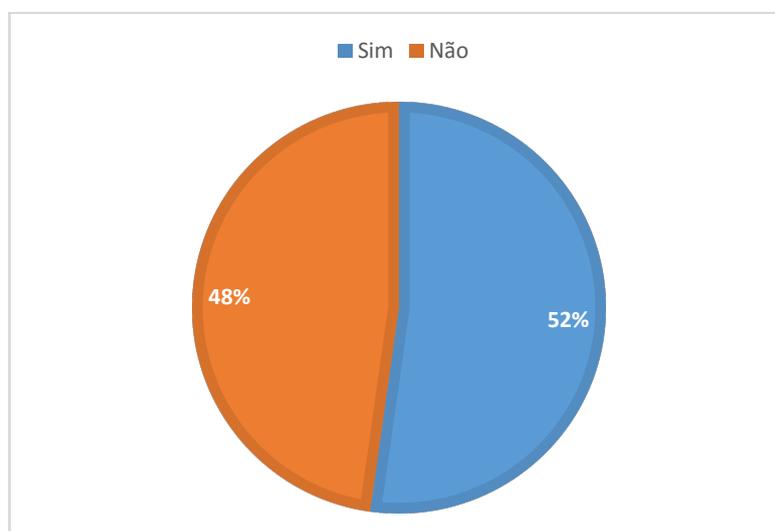
A larga maioria (90%) dos diplomados da Universidade Aberta, em 2014 e 2015, trabalhou a tempo inteiro enquanto realizou os seus estudos de licenciatura (gráfico 3.5). De facto, tal como na primeira geração em que foi aplicado este questionário, a percentagem de estudantes dedicados integralmente aos estudos, a cuidar de familiares, à procura de trabalho ou mesmo a trabalhar a tempo parcial, é meramente residual. Esta situação, geralmente associada à necessidade de contribuir para o orçamento do agregado doméstico através do trabalho a tempo inteiro, coloca sérios desafios à grande maioria dos estudantes da Universidade Aberta para conciliar os estudos com a sua vida profissional e familiar. Não deixa, ainda assim, de surpreender esta situação, uma vez que a geração agora inquirida, tendo-se diplomado em 2014 e 2015, realizou a licenciatura nos anos mais severos da crise económica que atravessou o país, entre 2009 e 2014, pelo que poder-se-ia ter registado um aumento dos estudantes desempregados.

Gráfico 3.5 Situação laboral dos diplomados da Universidade Aberta enquanto realizaram a maior parte da licenciatura



Contudo, um aspeto que não deixa de ser preocupante – até porque acentua uma tendência já observada na primeira edição do questionário – é que apenas cerca de metade dos licenciados obteve o estatuto de trabalhador-estudante, o qual permite melhorar, no contexto laboral, as condições para o estudo e para a realização de provas académicas (gráfico 3.6). Tendo em conta que cerca de 90% dos estudantes trabalhou a tempo inteiro, pode constatar-se um grupo muito significativo que não usufruiu deste direito. Sendo possível que uma maior divulgação acerca deste estatuto, das formas de obtenção e dos seus benefícios, possa alargar a taxa de adesão, também não será de negligenciar a degradação e precarização das relações laborais, sobretudo nos referidos anos da crise económica, propiciadoras a que os estudantes tivessem receio de ser prejudicados, a nível profissional, por solicitar este estatuto.

Gráfico 3.6 Estatuto Trabalhador-Estudante



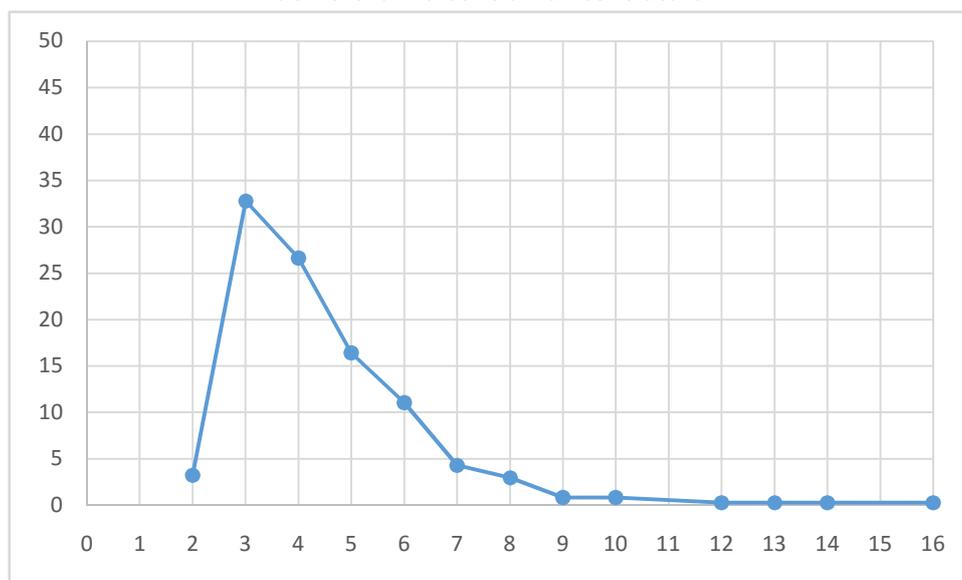
Quando atendemos ao principal local de estudo, a quase totalidade assinala o seu próprio domicílio (gráfico 3.7). As percentagens residuais de outros espaços revelam que a realização da licenciatura é quase sempre assumida como um projeto pessoal (ou, quando muito, familiar), o que o torna mais vulnerável, sendo raramente realizado no quadro de organizações laborais, culturais ou comunitárias. As vantagens da formação ao longo da vida dos recursos humanos para a eficiência e inovação do tecido produtivo, assim como a existência de espaços culturais bem equipados para o estudo em regime de e-learning, como é o caso das bibliotecas municipais, parece-nos que abre um campo de possibilidades para o desenvolvimento de percursos de aprendizagem e qualificação mais articulados e apoiados, a nível institucional, o que reforçaria certamente as taxas de sucesso e de conclusão dos ciclos de estudos. Também no caso dos centros locais de aprendizagem da Universidade Aberta, espalhados pelo país, uma aposta consistente da universidade, é visível que estes não têm constituído locais privilegiados de estudo, provavelmente, devido ao facto de serem pouco compatíveis com os horários dos próprios estudantes que, como vimos anteriormente, são na sua esmagadora maioria trabalhadores a tempo inteiro.

Gráfico 3.7 Principal local de estudo, durante a licenciatura



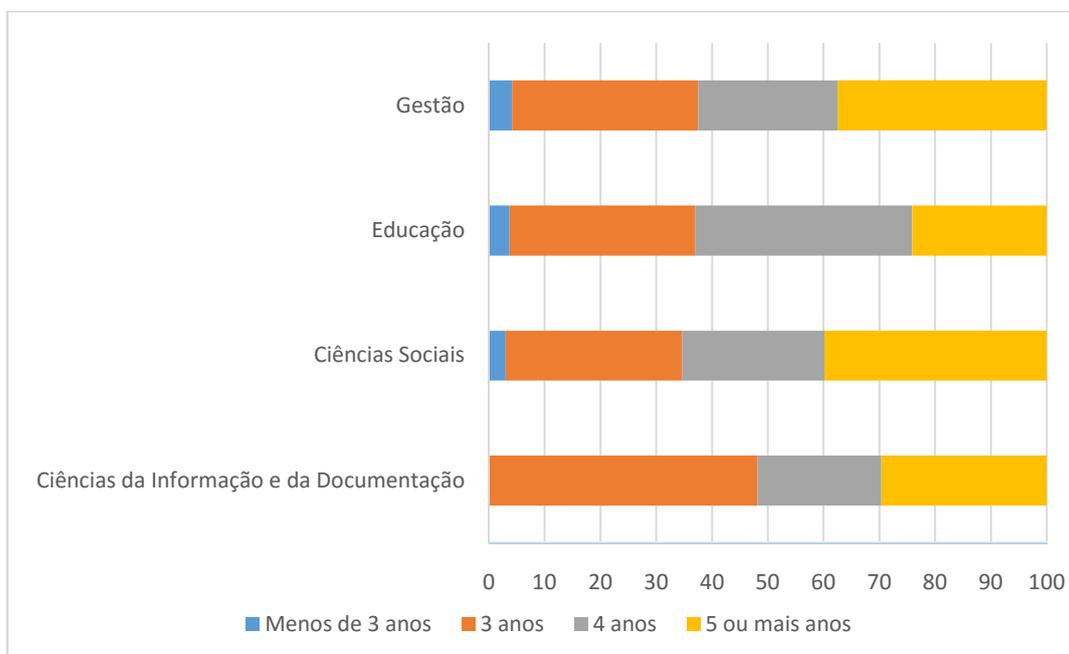
Este inquérito permitiu constatar a grande variação na longevidade dos percursos académicos realizados por estes e estas estudantes para a conclusão da licenciatura na Universidade Aberta (gráfico 3.8). Estando hoje a generalidade das licenciaturas organizadas em três anos letivos, desde a adequação das universidades portuguesas aos parâmetros europeus acordados no Processo de Bolonha, observa-se que apenas um terço dos inquiridos concluiu o curso nesse período de tempo, o que se pode associar também ao facto de a quase totalidade trabalhar a tempo inteiro. Ainda assim, não deixa de ser notável que este valor é menor do que aquele que se observou no caso dos licenciados e das licenciadas, em 2011, 2012 e 2013. Tornou-se igualmente residual o número de estudantes que concluiu o curso em menos de três anos, situação possível quando alcançam creditação de competências ou equivalência a uma parte das unidades curriculares. No extremo oposto, é significativo que cerca de 10% dos estudantes demorou 6 anos a completar a licenciatura, existindo registos pontuais de percursos mais longos, até um máximo de 16 anos.

Gráfico 3.8 Percentagem de diplomados e diplomadas, segundo o número de anos que demoraram a concluir a licenciatura



Comparando apenas as quatro licenciaturas com maior número de diplomados (gráfico 3.9), não foi observada uma variação tão grande como na edição anterior, mas ainda assim podemos verificar que os estudantes de Gestão e de Ciências Sociais foram aqueles que mais registam percursos académicos longos (5 ou mais anos para completar a licenciatura). Em sentido inverso, é significativa a melhoria dos percursos mais lineares (3 anos) na licenciatura em Educação.

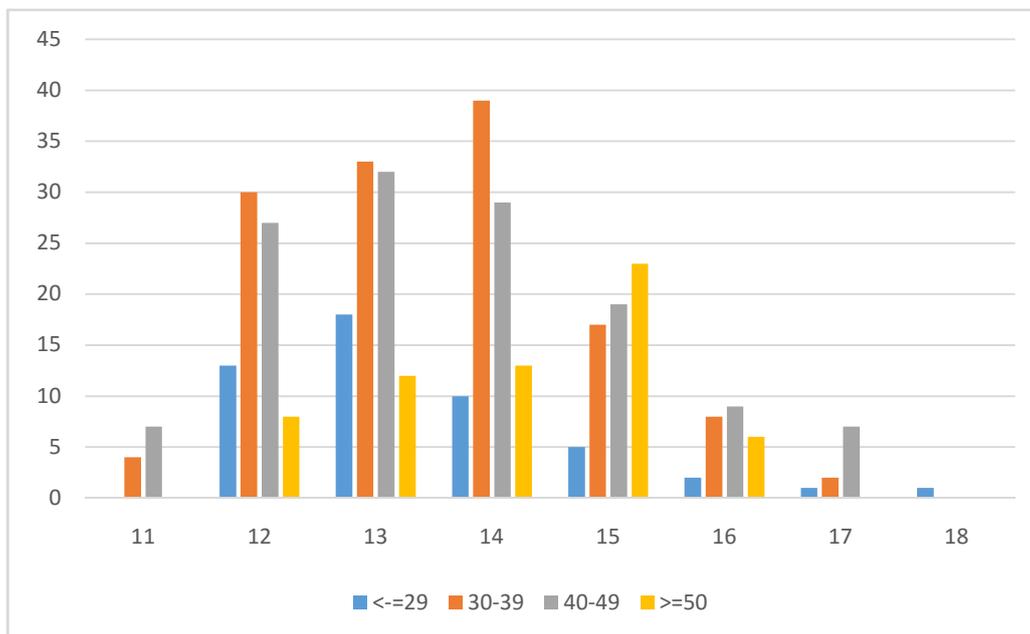
Gráfico 3.9 Número de anos que os diplomados e as diplomadas demoraram a realizar a licenciatura



Nesta coorte, a classificação média de conclusão da licenciatura na Universidade Aberta foi 13,5 – ligeiramente inferior à observada na edição anterior – mantendo-se uma concentração elevada entre 13 e os 14 valores (gráfico 3.10). Apenas cerca de 10% dos estudantes conclui a licenciatura com uma classificação igual ou superior a 16 valores. Tal como na primeira edição,

a classificação média de licenciatura é ligeiramente superior entre os estudantes que ingressaram na Universidade Aberta com mais de 50 anos.

Gráfico 3.10 Classificação de conclusão da licenciatura, por idade de ingresso



4. Balanço de competências e de relações desenvolvidas na licenciatura

O balanço de competências avalia a satisfação dos e das estudantes com os cursos da Universidade Aberta. A satisfação traduz-se no barómetro que mede a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

O balanço de competências e de relações desenvolvidas na licenciatura tem como objetivos:

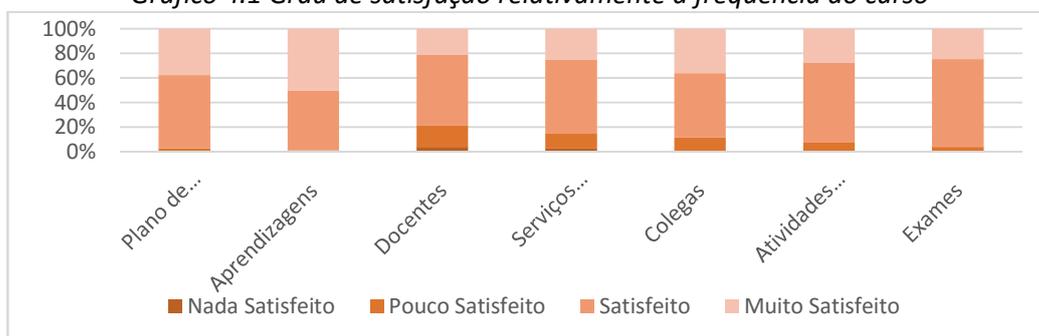
- Identificar o grau de satisfação dos estudantes com a frequência dos cursos;
- Identificar a perceção que os diplomados têm sobre o ensino online;
- Identificar os principais objetivos adquiridos ao longo dos cursos;
- Identificar se os diplomados consideram que a frequência dos cursos serviu como preparação para a vida profissional e em que medida;
- Identificar os contributos dos cursos para o desenvolvimento pessoal, profissional e social dos diplomados;
- Identificar perceções sobre a imagem pública da UAb;
- Identificar principais características associadas aos estudantes da UAb.

Na primeira pergunta sobre o grau de satisfação relativamente à frequência do curso na UAb, verifica-se um grau de satisfação elevado, agrupando o grau de “muito satisfeito” e “satisfeito”, os valores situam-se entre um mínimo de 77,1% e um máximo de 97,1%, nas diversas dimensões, como ilustra o gráfico 4.1.

Do total de respondentes ao inquérito, as maiores percentagens de respostas de inquiridos a manifestarem-se “muito satisfeitos” e “satisfeitos” incidem sobre as aprendizagens realizadas (97,1%), os planos de estudos e conteúdos abordados (95,7%) e os exames (88,9%).

Relativamente ao nível “muito satisfeitos”, destacamos as percentagens apuradas quanto às aprendizagens realizadas (49%), os planos de estudo e conteúdos (37,1%) e a relação estabelecida com os colegas (34,3%). No que se refere às respostas “pouco satisfeitos” e “nada satisfeitos”, as percentagens mais elevadas dizem respeito aos docentes, aos serviços administrativos e à interação com os colegas (21%, 14% e 10% respetivamente).

Gráfico 4.1 Grau de satisfação relativamente à frequência do curso



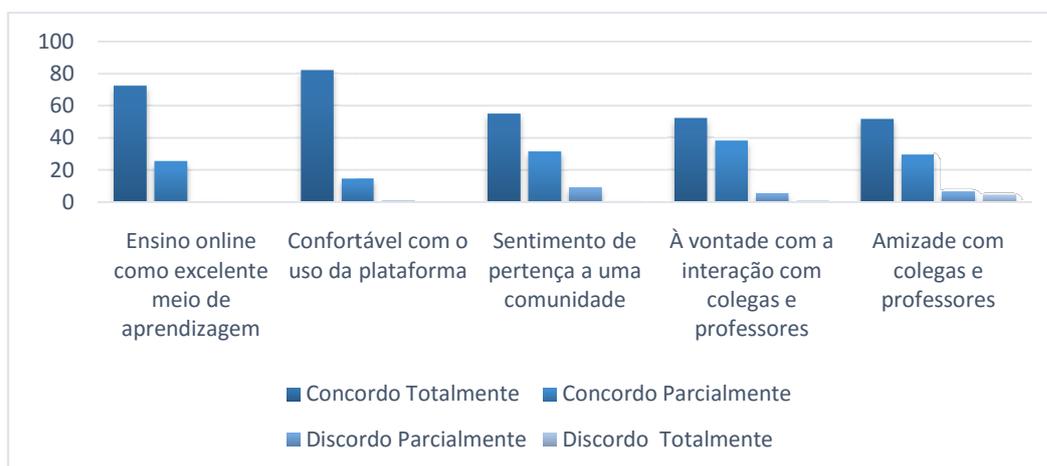
O Modelo Pedagógico Virtual® da Universidade Aberta é altamente especializado em pedagogia e tecnologia do EaD e do e-learning. A par, reflete ainda a vasta experiência adquirida nas redes virtuais e nas redes da globalização do conhecimento. É um modelo exclusivo da UAb, assumido como uma prioridade estratégica, e está aberto à introdução de melhorias que decorram não só da investigação ao nível dos conceitos e das tecnologias em

uso no EaD, como também da percepção que os estudantes e diplomados manifestam, em sede de auscultação.

Neste sentido, procurámos inquirir os diplomados e as diplomadas sobre a satisfação do ensino online como meio de aprendizagem, do conforto com o uso da plataforma, do sentimento de pertença a uma comunidade, do à-vontade na interação com colegas e professores, assim como do estabelecimento de relações de amizade com colegas e docentes.

As respostas indicam uma satisfação geral muito elevada em todas as dimensões selecionadas. Se agrupamos o nível “concordo totalmente” e o nível “concordo parcialmente”, a concordância com o ensino online como excelente meio de aprendizagem e o conforto no uso da plataforma de ensino a distância atingem os valores mais elevados, respetivamente de 98,1% e 96,9%. As restantes dimensões, com valores ligeiramente mais baixos, não deixam de evidenciar uma satisfação muito elevada, por ordem decrescente, com o à vontade na interação com os colegas (90,2%), o sentimento de pertença a uma comunidade (86,9 %) e o desenvolvimento de amizades com colegas e professores (81,7%).

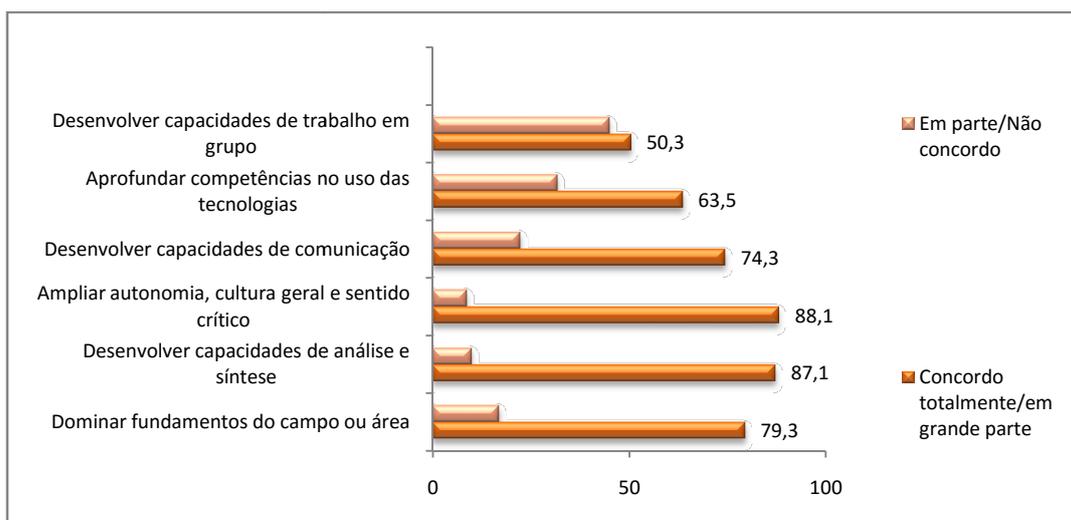
Gráfico 4.2. *Percepções sobre o ensino online na Universidade Aberta*



Outra questão que está relacionada com a frequência do curso e com a percepção do ensino online é relativa aos principais objetivos que os diplomados consideram ter alcançado durante a frequência da licenciatura na UAb. Na resposta a esta questão, a grande maioria dos estudantes destacou o facto de o curso ter permitido ampliar a autonomia, a cultura geral e o sentido crítico (88,1%). Destacam-se, ainda, a possibilidade de desenvolver capacidades de análise e síntese (87,1%), uma das principais características do ensino online, seguida de dominar os fundamentos do campo ou área (79,3%) e de desenvolver capacidades de comunicação (74,3%).

Esta percepção dos e das estudantes permite concluir que, embora valorizem bastante a aquisição de conhecimentos e conteúdos específicos nas áreas em que se diplomaram, não deixam de realçar, em primeiro lugar, a importância das competências transversais, tais como a autonomia, o sentido crítico e a capacidade de análise e síntese. A capacidade de trabalhar em grupo foi o objetivo menos indicado pelos diplomados, apesar de ter atingido um valor bastante expressivo de 50,3%.

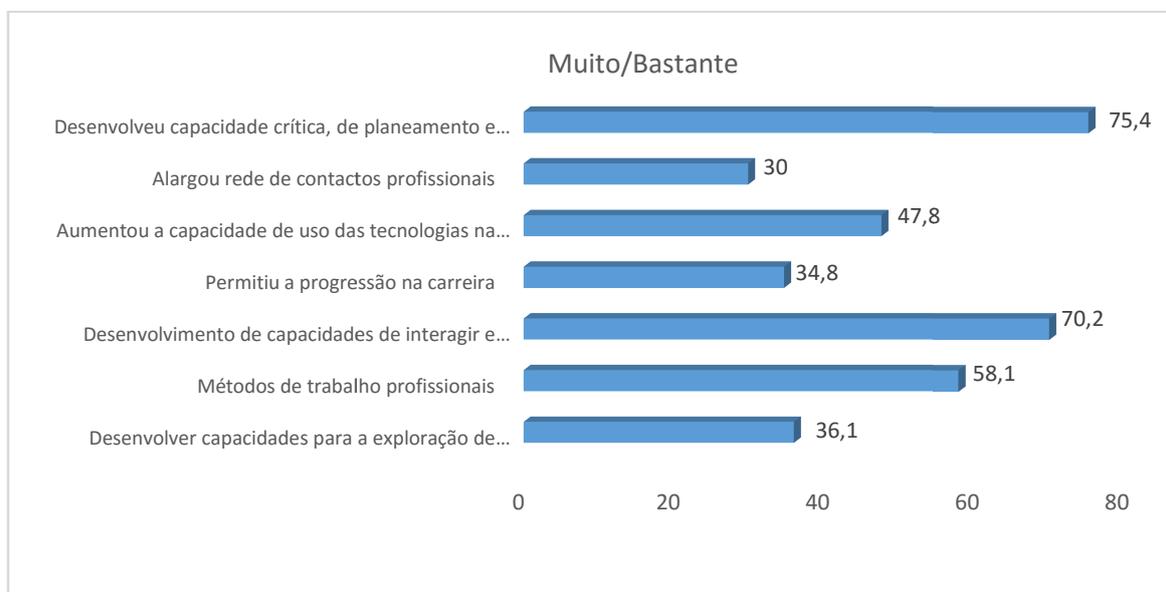
Gráfico 4.3 Objetivos adquiridos ao longo do curso



No que se refere ao contributo que a licenciatura pode dar para a vida profissional, os estudantes privilegiam o desenvolvimento da capacidade crítica, de planeamento e inovação no trabalho (75,4%), bem como o desenvolvimento de capacidades de interação e resolução de problemas (70,2%).

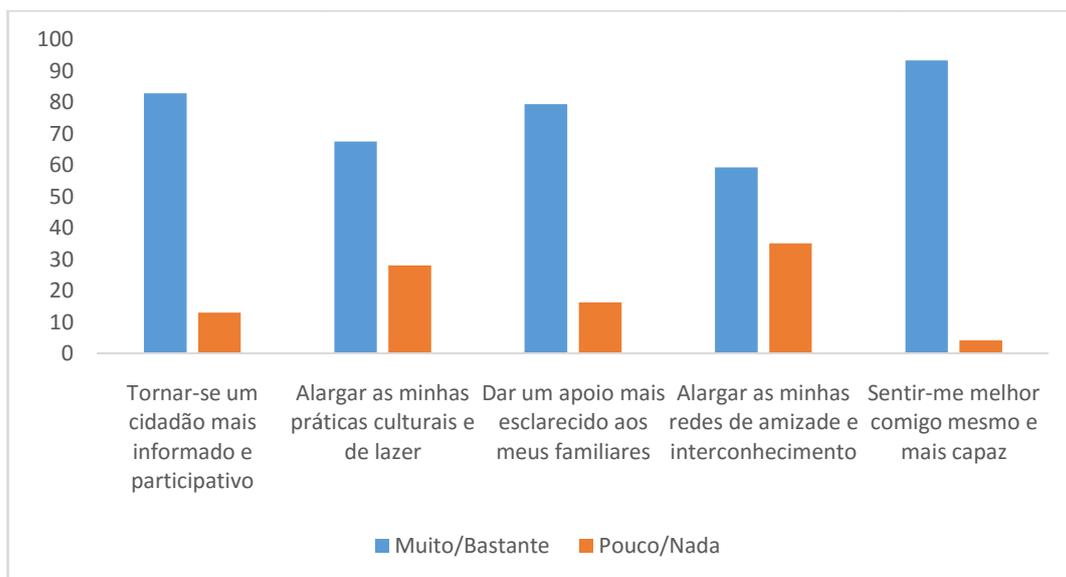
Os itens menos valorizados nesta questão foram o alargamento da rede de contactos profissionais (30%), a progressão na carreira (34,8%) e o desenvolvimento de capacidades para a exploração de novas oportunidades de emprego (36,1%).

Gráfico 4.4 Preparação da licenciatura para a vida profissional



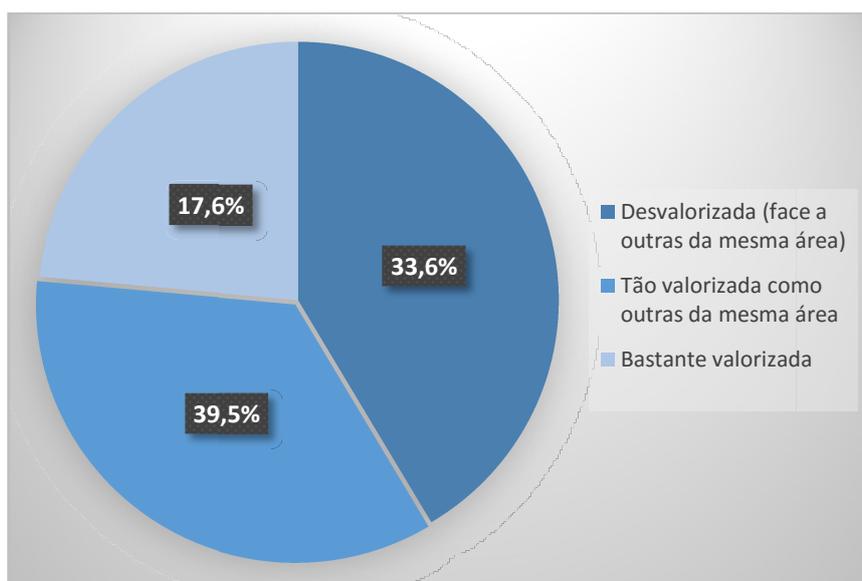
Em termos de contributos para as dimensões do desenvolvimento pessoal, social e profissional, a maioria dos inquiridos afirmou que a licenciatura contribuiu para se sentir melhor consigo mesmo e sentir-se mais capaz, bem como tornar-se um cidadão ou uma cidadã mais ativo/a e participativo/a. Mais uma vez, não foi tão expressivo o contributo da frequência do curso da UAb para o alargamento das redes de amizade e interconhecimento.

Gráfico 4.5 Contributos do curso para o desenvolvimento pessoal, profissional e social



O desconhecimento sobre a Universidade Aberta enquanto única universidade pública de ensino a distância, em Portugal, é algo com que muitos dos seus estudantes, docentes e trabalhadores se confrontam diariamente. Quando questionados sobre as perceções que os contactos profissionais têm sobre a licenciatura realizada na instituição, os diplomados e as diplomadas revelaram que a imagem pública da licenciatura ainda não é tão positiva quanto o desejado. Destacamos que 33,6% revelaram que a licenciatura da Universidade Aberta é desvalorizada face a outras licenciaturas da mesma área e apenas 17,6% consideraram que o curso que concluíram é bastante valorizado. Os restantes 39,5% indicaram que a licenciatura que frequentaram em modalidade a distância é tão valorizada como outras da mesma área.

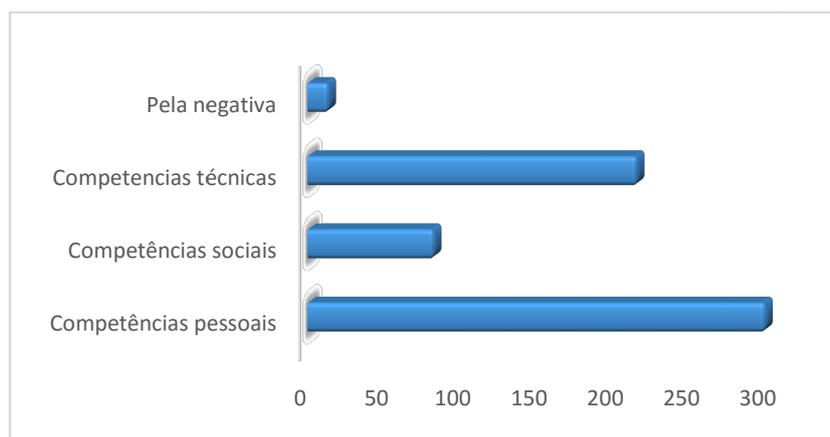
Gráfico 4.6 Imagem pública da Universidade Aberta



A par da imagem pública da UAb, pretendeu-se perceber a autoimagem dos licenciados desta Universidade. Para tal, foi solicitado aos inquiridos que indicassem três características associadas a um licenciado da Universidade Aberta.

Tratando-se de uma questão aberta, as respostas foram analisadas quanto ao seu conteúdo e agrupadas em três grandes categorias que emergiram das próprias respostas e que remetem para competências de natureza diferente, a saber: competências pessoais, competências sociais e competências técnicas (cf. gráfico 4.7).

Gráfico 4.7. Características dos diplomados da Universidade Aberta



A primeira categoria remete para competências de ordem pessoal e aqui encontram-se referências:

- ao carácter ambicioso, à necessidade de enriquecimento pessoal, de autorrealização e de desenvolvimento;
- à autodisciplina e à (auto)confiança;
- à (auto)motivação e entusiasmo;
- à competência (equivalente à de outros estudantes, de outras universidades), às capacidades (de aprender, de estudo, de intervenção, de superação, de trabalho);
- à comunicação e desinibição;
- à dedicação, empenho, aplicação, disponibilidade, interesse, responsabilidade;
- à determinação, esforço, força de vontade, luta, persistência, perseverança, resiliência;
- à gratidão, otimismo, felicidade, humildade, prestígio, respeito.

A segunda categoria engloba competências de natureza social, designadamente: cidadania, espírito crítico, preparação, esclarecimento, consciência, participação, reflexão; destaque para a comodidade; flexibilidade; gestão do tempo (horários); liberdade; com maior maturidade e experiência; estudante-trabalhador, com pouca disponibilidade, com necessidade de valências para a carreira e de qualificação; oportunidade, acessibilidade, redução de custos, cosmopolita; prestação de um apoio esclarecido à família.

Finalmente, as competências de ordem técnica, que remetem para aspetos mais diretamente relacionados com os domínios do trabalho. Foram aqui referidas as seguintes características: conhecimento (construtor do seu próprio conhecimento), autonomia, (auto)didata, informação, cultura, inteligência, curiosidade; domínio das tecnologias, inovação, criatividade; interatividade; colaboração, amizade, altruísmo, solidariedade; eficiência, eficácia, exigência, melhoria contínua, rigor; método, organização, objetividade, analítico; dinâmico, prático, pró-

atividade, empreendedorismo; coragem (por optar por um ensino não tradicional), diferença, audácia.

Embora tenham sido residuais as referências a características pela negativa, importa também dar conta delas nesta análise. Assim, os aspetos menos positivos destacados pelos licenciados inquiridos foram o facto de se sentirem desvalorizados (por terceiros), o que se relaciona com alguma falta de reconhecimento público dos cursos que ainda persiste e falta de apoio no emprego; algumas referências à má preparação, à falta de estágio; sentimento de pouco acompanhamento e ao trabalho solitário; e ainda ao desgaste, resignação, fraca cultura, preguiça.

Para um melhor entendimento destas características assinaladas pelos diplomados e pelas diplomadas da UAb como sendo as que os definem, elaboramos uma nuvem de palavras que apresentamos a seguir (4.8).

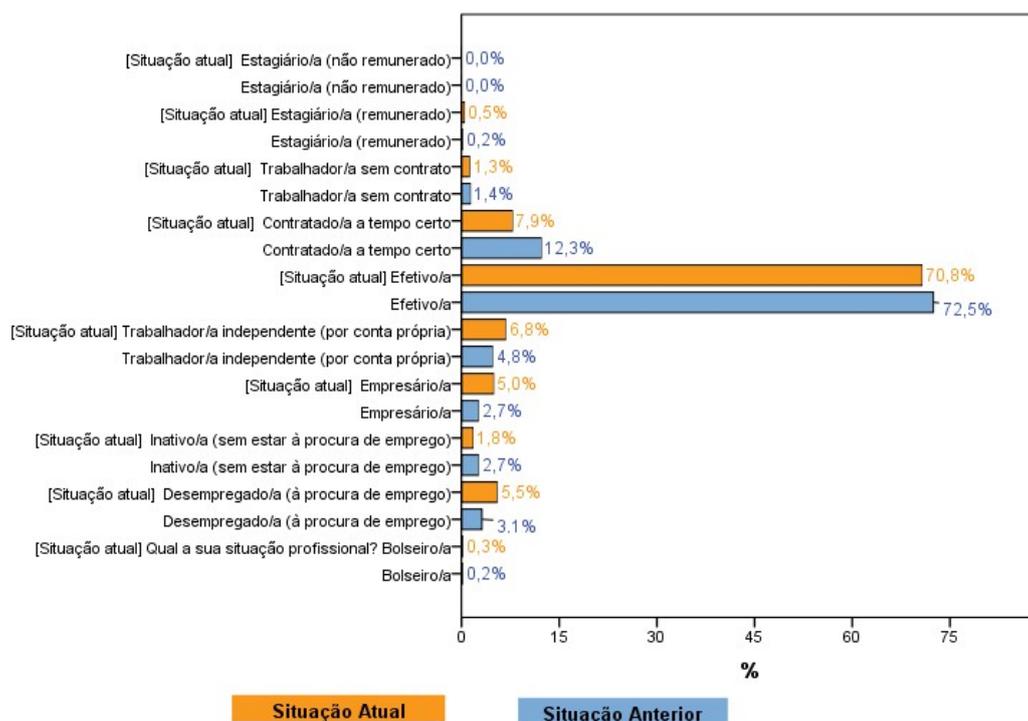
Gráfico 4.8. Wordle elaborado a partir da análise de conteúdo das características dos diplomados da Universidade Aberta



5. Impactos da licenciatura nos percursos de vida e do trabalho

Os valores atuais relativos à situação profissional, quando comparados com aqueles que se referem à situação no início da licenciatura, demonstram uma redução de cerca de 2% na percentagem de efetivos, redução nos contratados a tempo certo (de 13,3% para 7,9%) e um aumento na situação de desempregado à procura de emprego (de 3,1% para 5,5%). Também se constata um aumento na categoria de trabalhador independente (de 4,8% para 6,8%) e de empresários (de 2,7% para 5%). É natural que exista aqui um efeito do período mais grave da crise económica vivida em Portugal nos últimos anos, mas o facto de haver um aumento das categorias de trabalhador por conta própria e empresário parece indicar que os licenciados alteraram o seu perfil, e uma das hipóteses pode ser a decisão pessoal de partir para a realização de desafios mais ambiciosos e com maior autonomia profissional. Também poderão estar aqui cobertas as situações de passagem à situação de reformado, o que pode elevar ligeiramente o peso relativo das restantes categorias. Em todo o caso, a larga maioria já era efetiva quando ingressou na licenciatura e permanece nessa situação (70,8%).

Gráfico 5.1 Situação profissional quando ingressou na UAb e no momento atual

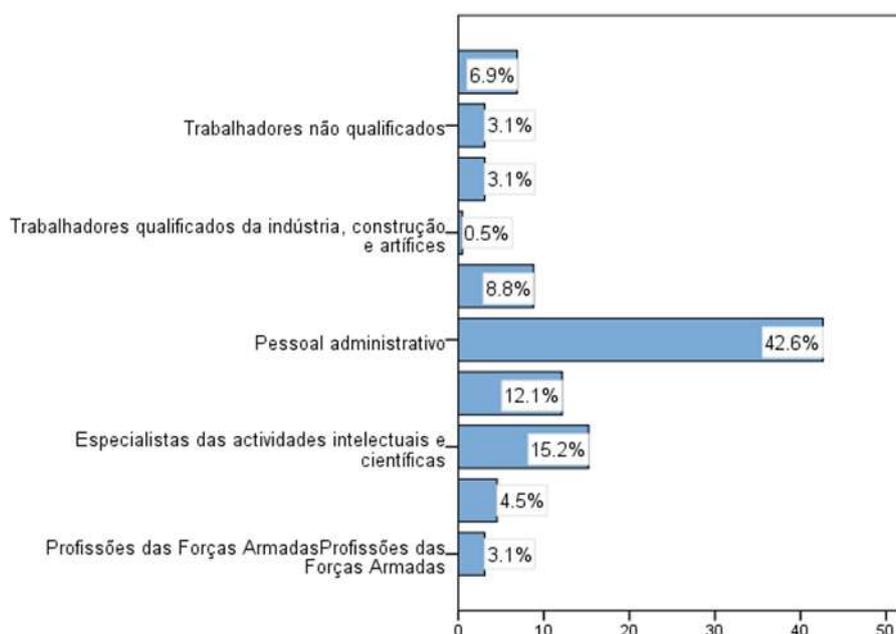


Atendendo à situação particular dos e das estudantes da Universidade Aberta em que a maioria é trabalhador/a, interessa-nos perceber qual o impacto da obtenção do diploma nas carreiras profissionais. Assim, para a análise das profissões, e considerando a dispersão de respostas dadas pelos respondentes foi efetuada uma agregação por grandes grupos de profissões, seguindo a Classificação Nacional de Profissões, publicada pelo Instituto Nacional de Estatística, em 2010, quer para as profissões desempenhadas à entrada da licenciatura quer após a conclusão do curso.

As profissões desempenhadas à entrada e durante a licenciatura estão concentradas no grande grupo do “pessoal administrativo”, com 42,6%, destacando-se o número de assistentes

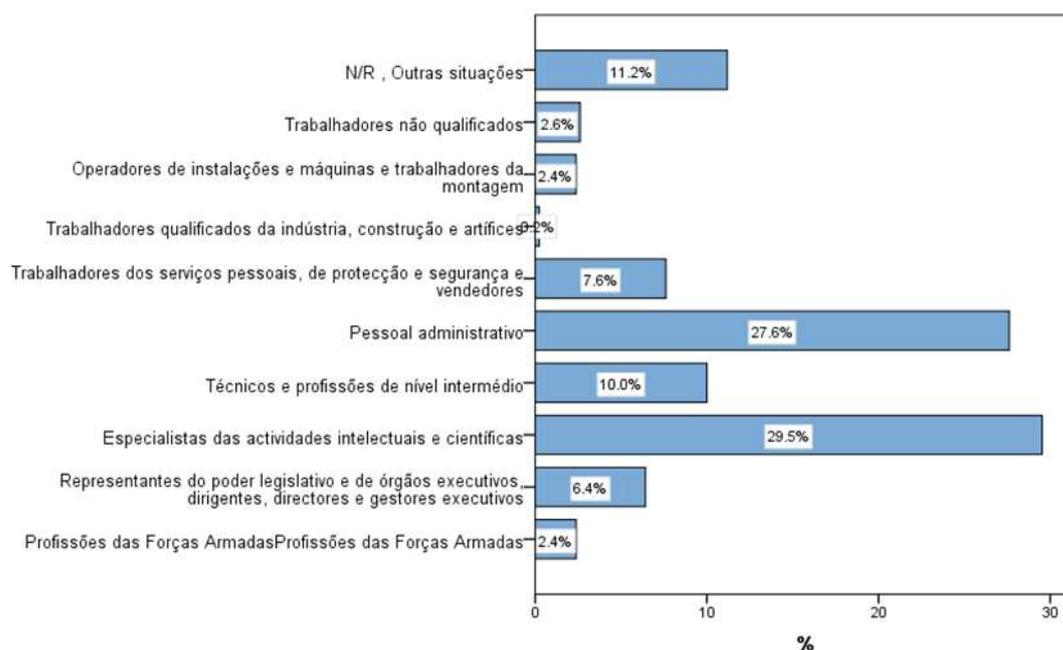
técnicos, categoria profissional da administração pública. O segundo grupo com maior frequência é o de “especialistas de atividades intelectuais e científicas”, com 15,2%, o que nos remete para o facto de alguns e algumas estudantes de licenciatura terem já uma licenciatura anterior e outros, eventualmente, estarem já a desempenhar funções que usualmente são atribuídas a profissionais com esse grau académico. O terceiro grupo de profissões com maior número de casos (12,1%) corresponde ao de “técnicos e profissionais de nível intermédio”. As outras categorias profissionais estão menos representadas, sendo quase inexistente o caso de inquiridos pertencentes ao grupo de “agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta”, em que se contabilizaram apenas dois casos.

Gráfico 5.2 Profissão à entrada na UAb



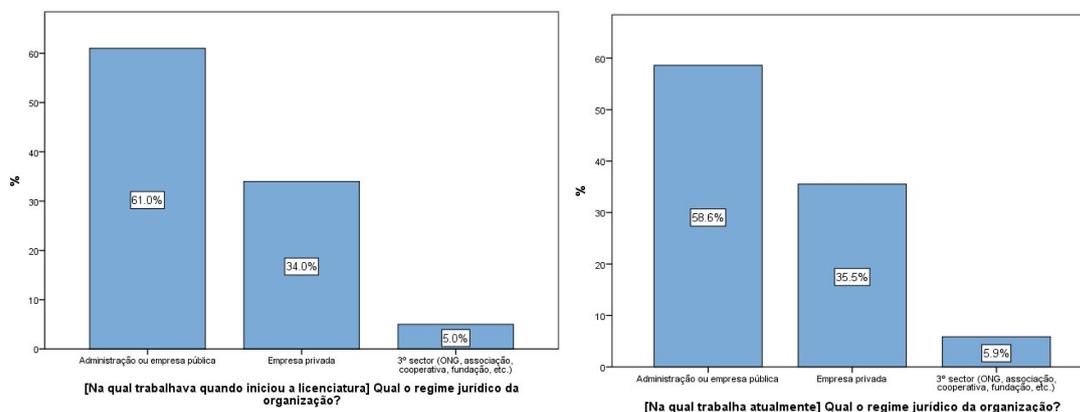
No que se refere às profissões exercidas após a conclusão da licenciatura, verifica-se um aumento significativo de profissões inseridas tanto no grupo “representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos” (6,4%), no qual se enquadram, por exemplo, os gestores, os chefes de divisão ou os empresários, como no grupo “especialistas das atividades intelectuais e científicas” com 29,5%, sobressaindo o número de casos de diplomados que após a conclusão da licenciatura vivenciaram uma mobilidade profissional ascendente de assistente técnico (carreira administrativa) para técnico superior. No entanto, é de salientar a preponderância que se continua a verificar no grupo “pessoal administrativo”, com 27,6%, e que indica a permanência na mesma categoria anterior à licenciatura, o que não invalida que as pessoas não venham, ao longo da sua carreira profissional, a passar por uma experiência de mobilidade ascendente.

Gráfico 5.3 Profissão atual dos licenciados e licenciadas da UAb



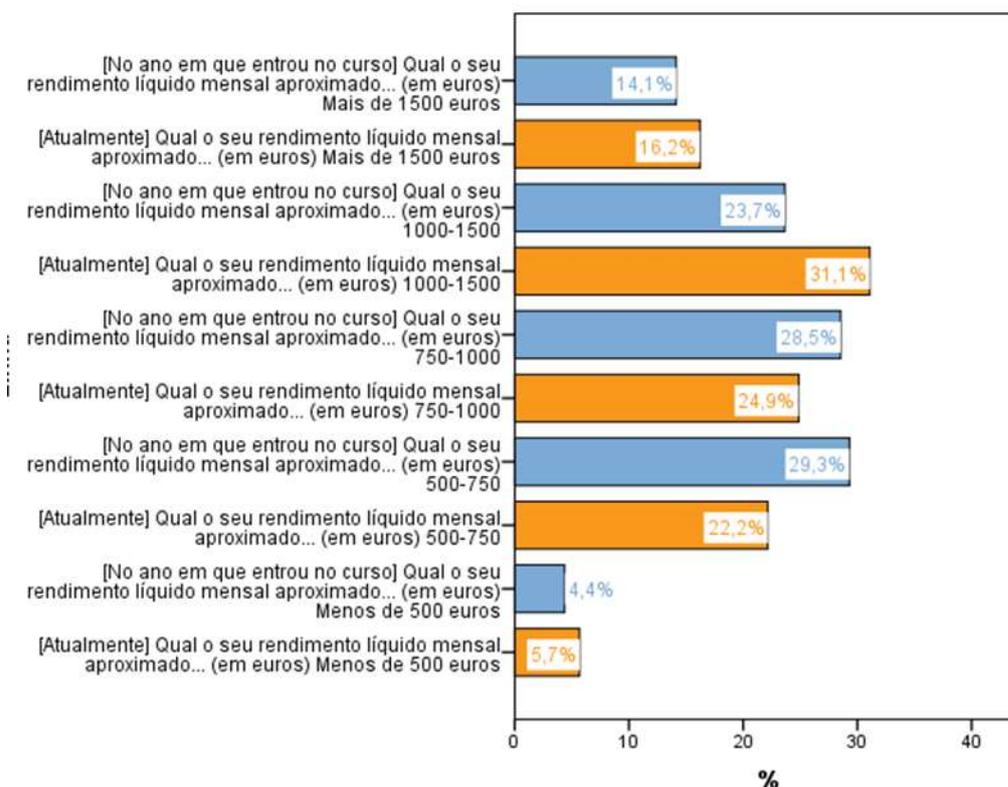
Quanto à categoria jurídica da entidade na qual exercem atualmente as suas atividades profissionais, a organização de administração ou empresa pública apresenta uma percentagem um pouco inferior (58,6%), em comparação com o período do início da licenciatura (61%), mas permanece claramente maioritária.

Gráfico 5.4 Regime jurídico da organização à entrada e atual do licenciado e da licenciada da UAb



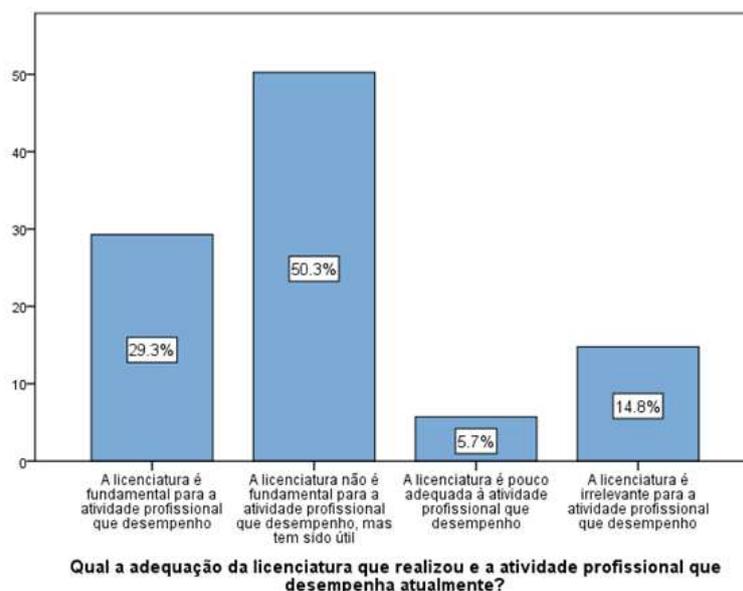
Constatam-se alterações na distribuição global do rendimento líquido mensal entre o período de entrada na licenciatura e a data da aplicação do questionário (gráfico 5.5). As categorias de rendimentos mais elevados passaram a ter mais peso, nomeadamente, na categoria “Mais de 1500 euros” houve um aumento de 14,1% para 16,2%, e na categoria “1000-1500 euros” uma alteração de 28,5% para 31,1%, ou seja, cerca de 2-3% em ambos os casos. Diminuíram em termos de percentagem as categorias “750-1000 euros” e “500-750 euros”. Por fim, há mais cerca de 1,3% que ganha menos de 500 euros. Isto poderá estar relacionado com o número de desempregados, que também aumentou ligeiramente neste período. Devemos, contudo, considerar aqui a revogação, em 2016, dos cortes salariais na administração pública que haviam sido decretadas nos anos anteriores.

Gráfico 5.5 Rendimento à entrada e atual do/a licenciado/ada UAb



Na expectativa de perceber se existiu adaptação da atividade profissional desempenhada à certificação obtida, observou-se que as respostas dos/as licenciados/as desta coorte indicam que, na sua maioria (50,3%), a licenciatura não foi fundamental para a atividade profissional que exercem atualmente, enquanto um número significativo (cerca de 30%) dos inquiridos indicam o oposto.

Gráfico 5.6 Adequação da licenciatura



Fazendo um cruzamento entre a pergunta sobre as razões que mais pesaram na decisão de ingressar na UAb e a adequação da licenciatura realizada e a atividade profissional atual, podemos observar, por exemplo, que para os/as licenciados/as em que o motivo “alcançar posições/condições laborais mais favoráveis” era muito importante, 39,8% afirma que a licenciatura é fundamental para a atividade profissional atual e 45,8% afirmam que não é fundamental mas tem sido útil.

Tabela 5.1 Adequação da licenciatura versus pesos das razões na decisão

Que peso tiveram as seguintes razões na sua decisão de ingressar nesta licenciatura, na UAb?		Qual a adequação da licenciatura que realizou e a atividade profissional que desempenha atualmente?			
		A licenciatura é fundamental para a atividade profissional que desempenho	A licenciatura não é fundamental para a atividade profissional que desempenho, mas tem sido útil	A licenciatura é pouco adequada à atividade profissional que desempenho	A licenciatura é irrelevante para a atividade profissional que desempenho
[alcançar posições/condições laborais mais favoráveis]	Muito importante	39.8%	45.8%	3.6%	10.8%
	Importante	30.3%	52.9%	6.7%	10.1%
	Pouco importante	10.9%	50.9%	9.1%	29.1%
	Nada importante	0.0%	58.3%	8.3%	33.3%
[desempenhar uma profissão que me parecia interessante]	Muito importante	47.2%	37.7%	4.7%	10.4%
	Importante	30.1%	45.5%	7.1%	17.3%
	Pouco importante	8.8%	73.7%	3.5%	14.0%
	Nada importante	6.5%	58.1%	9.7%	25.8%
[aprofundar os seus conhecimentos e cultura geral]	Muito importante	29.1%	55.2%	4.3%	11.3%
	Importante	26.7%	42.7%	7.6%	22.9%
	Pouco importante	30.0%	50.0%	20.0%	0.0%
	Nada importante	33.3%	66.7%	0.0%	0.0%

À medida que o desejo de alcançar posições mais favoráveis diminui, também se verifica uma redução da relevância da licenciatura para a atividade profissional, embora a maioria assinale a licenciatura como útil. No entanto, neste aspeto não podemos deixar de ter em conta o pouco tempo ainda decorrido após a obtenção do diploma.

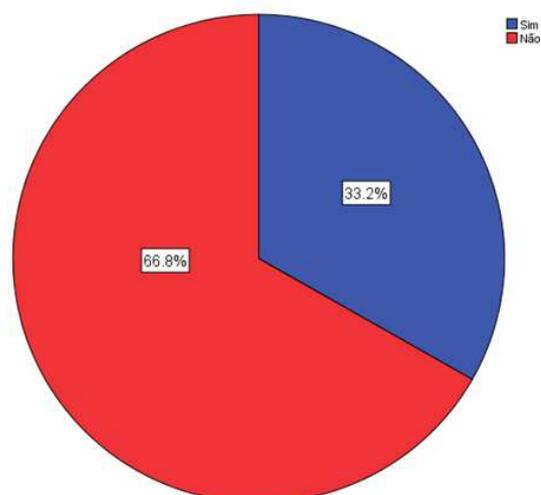
Tabela 5.2 Adequação da licenciatura versus pesos das razões na decisão (continuação)

Que peso tiveram as seguintes razões na sua decisão de ingressar nesta licenciatura, na UAb?		Qual a adequação da licenciatura que realizou e a atividade profissional que desempenha atualmente?			
		A licenciatura é fundamental para a atividade profissional que desempenho	A licenciatura não é fundamental para a atividade profissional que desempenho, mas tem sido útil	A licenciatura é pouco adequada à atividade profissional que desempenho	A licenciatura é irrelevante para a atividade profissional que desempenho
		N % da coluna	N % da coluna	N % da coluna	N % da coluna
[prosseguir os estudos com maior flexibilidade e autonomia (sem horários)]	Muito importante	29.1%	51.4%	5.4%	14.1%
	Importante	27.8%	46.3%	5.6%	20.4%
	Pouco importante	33.3%	33.3%	0.0%	33.3%
	Nada importante	0.0%	33.3%	66.7%	0.0%
[prosseguir estudos, sem ter que fazer semanalmente deslocações longas]	Muito importante	31.7%	50.2%	3.9%	14.2%
	Importante	21.1%	52.1%	8.5%	18.3%
	Pouco importante	0.0%	44.4%	22.2%	33.3%
	Nada importante	0.0%	25.0%	50.0%	25.0%
[estudar em regime de e-learning]	Muito importante	32.6%	48.2%	4.7%	14.5%
	Importante	27.6%	47.2%	8.7%	16.5%
	Pouco importante	16.3%	67.4%	2.3%	14.0%
	Nada importante	0.0%	50.0%	50.0%	0.0%

Com o objetivo de se compreender a existência de mobilidade profissional entre o início da licenciatura e o momento atual, nomeadamente se acedeu ao 1º emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional, verifica-se que 33,2% dos licenciados sofreram algum tipo de mudança na sua situação profissional.

Gráfico 5.7 Alteração da situação profissional entre início e conclusão da licenciatura

Entre o início da licenciatura e o momento atual, acedeu ao 1º emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional?



Detalhando sobre a importância dos elementos selecionados, verifica-se que o nível de habilitações superiores é fundamental para 65,3% dos 124 respondentes nesta opção. A segunda opção mais escolhida para explicar a mobilidade foi “competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura” (N=113), sendo a distribuição próxima entre os que consideraram essas competências como fundamental (38,1%) e importante (41,6%). Os elementos “professores” e “colegas” também são importantes (mais de 30% em cada caso), estando na casa dos 20-25% os que indicam que estes elementos são pouco importantes e, no caso dos professores, 34,9% indica que são irrelevantes (30 em 86 respondentes).

Tabela 5.3 Importância dos fatores selecionados para a mudança

	Fundamental		Importante		Pouco importante		Irrelevante	
	n	%	n	%	n	%	n	%
[Nível de habilitações superiores] (N=124)	81	65.3%	19	15.3%	10	8.1%	14	11.3%
[Professor(es)] (N=86)	8	9.3%	30	34.9%	18	20.9%	30	34.9%
[Colega(s)] (N=89)	6	6.7%	31	34.8%	23	25.8%	29	32.6%
[Competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura] (N=113)	43	38.1%	47	41.6%	11	9.7%	12	10.6%

A obtenção do diploma permitiu também que alguns respondentes tivessem aberto a sua própria empresa ou atividade profissional por conta própria (7,7%). As principais razões apontadas para esse facto são a obtenção da licenciatura (72 respondentes consideram fundamental) e as competências obtidas na formação superior (68 respondentes apontam esta razão como justificação para a abertura de empresa ou atividade por conta própria).

Gráfico 5.8 Criação de empresa ou atividade por conta própria

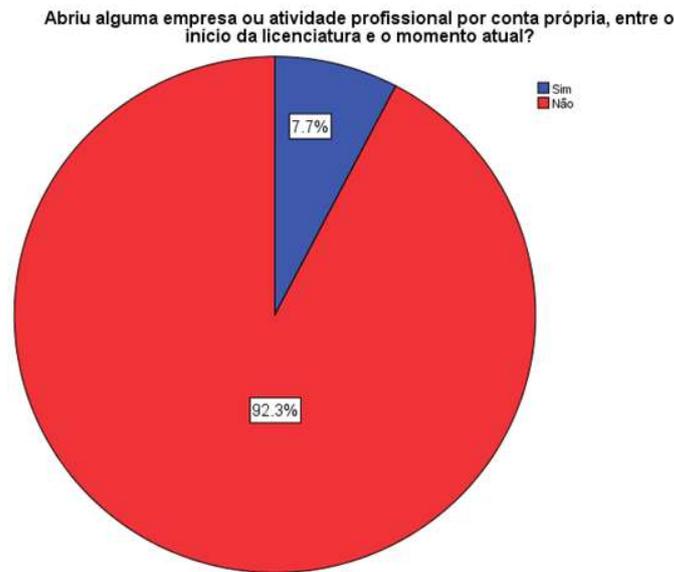


Tabela 5.4 Importância dos fatores selecionados para a decisão de atividade por conta própria

	Fundamental		Importante		Pouco importante		Irrelevante	
	n	%	n	%	n	%	n	%
[Nível de habilitações superiores](N=153)	72	47.1%	47	30.7%	12	7.8%	22	14.4%
[Professor(es)](N=122)	32	26.2%	44	36.1%	18	14.8%	28	23.0%
[Colega(s)](N=124)	23	18.5%	48	38.7%	26	21.0%	27	21.8%
[Competências teóricas, metodológicas e operacionais desenvolvidas no curso](N=143)	68	47.6%	52	36.4%	9	6.3%	14	9.8%

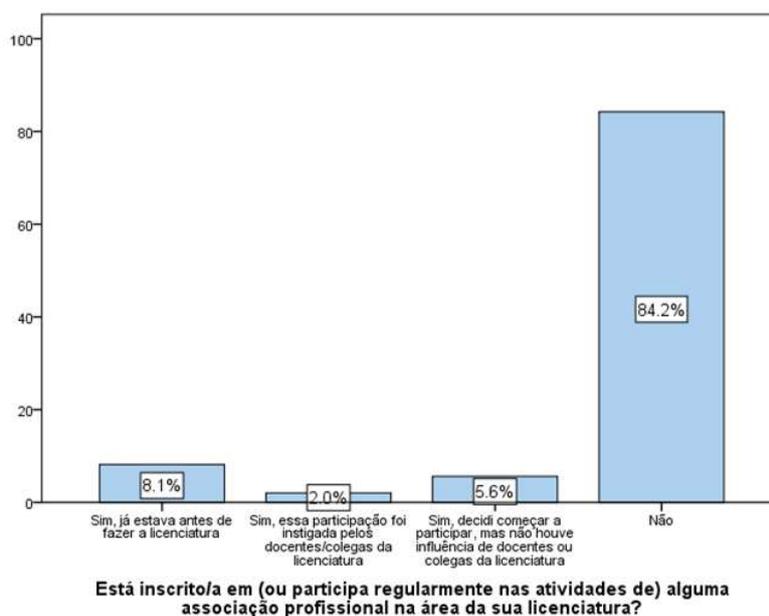
Como resultados mais significativos para as possibilidades resultantes da obtenção do diploma, verifica-se que 39,2% dos licenciados afirma que a licenciatura permitiu melhorar a posição ou condições de trabalho na organização em que já trabalhava, sendo que 47,1% indica que a licenciatura não teve qualquer impacto no local de trabalho. As opiniões mais favoráveis ao impacto da licenciatura centram-se na organização em que o licenciado já trabalhava (a azul).

Tabela 5.5 Importância dos fatores selecionados para a obtenção do diploma versus existência e tipo de mudança profissional

	Na organização em que já trabalhava		Noutra organização para a qual passei a trabalhar		Por conta própria		Não	
	n	%	n	%	n	%	n	%
[Melhorar a posição e/ou as condições de trabalho]	129	39.2%	29	8.8%	16	4.9%	155	47.1%
[Alcançar uma situação laboral mais estável]	66	23.5%	16	5.7%	10	3.6%	189	67.3%
[Realizar atividades laborais mais gratificantes]	119	37.7%	23	7.3%	19	6.0%	155	49.1%
[Melhorar as minhas condições de empregabilidade]	83	30.0%	26	9.4%	17	6.1%	151	54.5%

Com intenção de se conhecer a adesão ao associativismo profissional foi questionado aos licenciados se “está inscrito ou participa regularmente nas atividades de alguma associação profissional na área da sua licenciatura?”. Em resposta a esta questão, a grande maioria dos licenciados indicou não estar integrado numa associação profissional. Para uma análise mais detalhada seria necessário desagregar por área de licenciatura, no sentido de se identificarem as áreas em que existe maior ou menor afiliação associativa de carácter profissional.

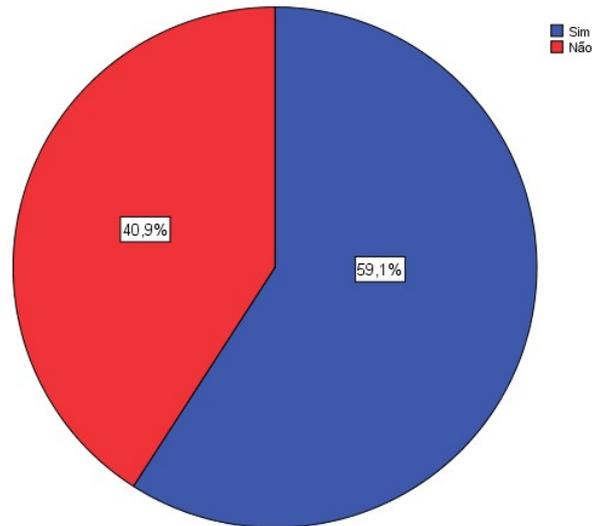
Gráfico 5.9 Participação em atividades associativas na área da licenciatura



Por fim, a maioria dos licenciados (59,1%) refere que, no geral, as condições de empregabilidade melhoraram com a realização da licenciatura.

Gráfico 5.10 Melhoria de condições de empregabilidade com a licenciatura

Em termos gerais, considera que as suas condições de empregabilidade melhoraram com a realização da licenciatura?...



Em suma, podemos concluir que, para a maioria dos licenciados da UAb, o diploma é considerado como um poderoso instrumento para a melhoria das condições de trabalho e mobilidade profissional.

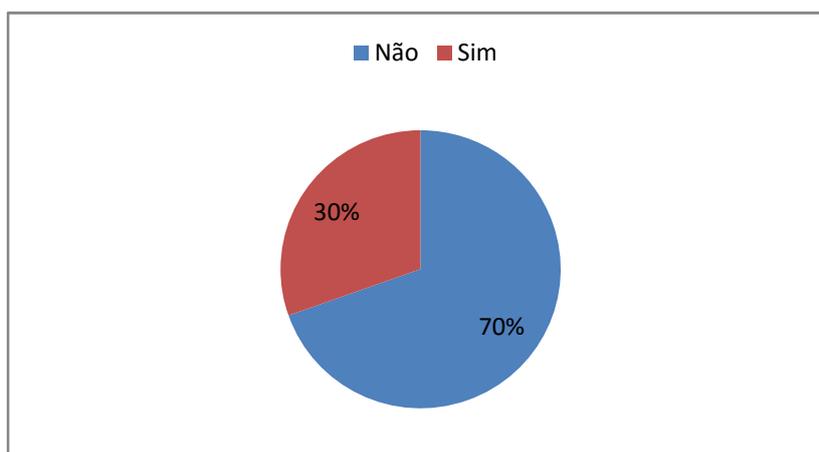
6. Projetos de futuro dos licenciados da Universidade Aberta

Esta secção trata da análise das respostas dos licenciados da Universidade Aberta entre 2014 e 2015, relativas aos seus projetos e perspetivas de futuro. Algumas das respostas abrangem pontos de reflexão sobre o percurso que convém relacionar com as análises anteriores.

Para interpretar estas respostas, é importante ter em conta que estas respostas foram obtidas em meados de 2017 e abrangem estudantes que se diplomaram já no prolongamento da crise. Parte destes licenciados, cerca de 30 % - uma proporção idêntica à da edição anterior do inquérito – prosseguiu estudos superiores, como veremos.

Se consideramos as respostas válidas, cerca de 70% dos licenciados (262) declararam não ter prosseguido estudos superiores, enquanto 30% continuaram a estudar no ensino superior após terem concluído a licenciatura, em diferentes modalidades, como vamos ver a seguir.

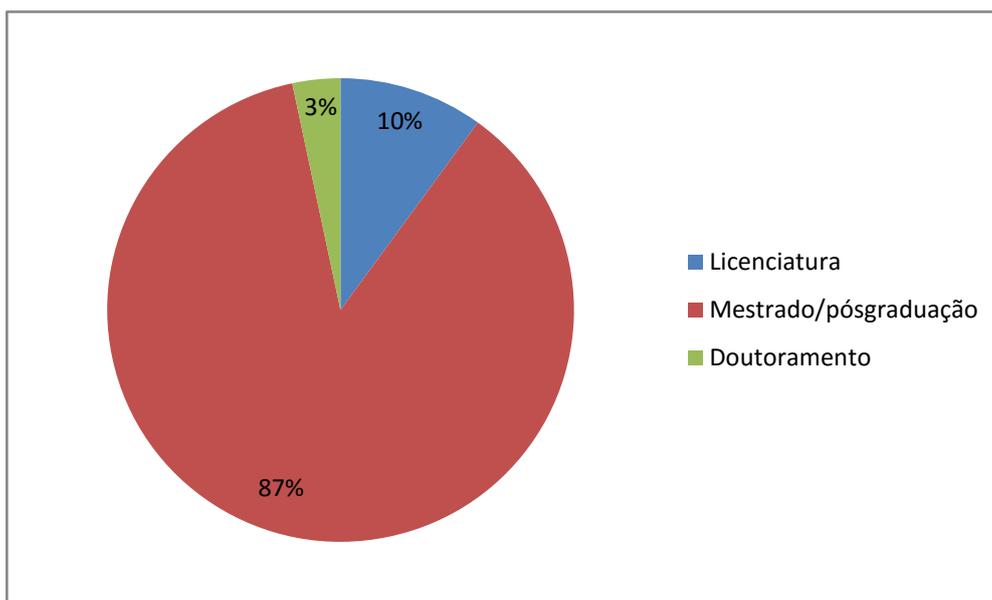
Gráfico 6.1 Inscrição no ensino superior após a licenciatura



Esta taxa de 30% de alunos/as (gráfico 6.1) que continuam no ensino superior é relevante e, como veremos, a maioria pensa em continuar na Universidade Aberta ou numa modalidade de ensino semelhante. É de realçar que o facto de estudar na instituição pode ser interpretado como um fator de motivação para prosseguir os estudos (como pode atestar algumas das respostas abertas dos alunos no final do questionário).

Além disso, mesmo entre aqueles que ainda não prosseguiram estudos, um número importante dos/as alunos/as inquiridos/as exprimiu a sua vontade de regressar aos estudos (mais de 115 conforme – oscilando entre 115 e 120 considerando as várias respostas tomadas em conta). Destes alunos e alunas responderam 120 com a seguinte distribuição de tipos de formação superior, como se pode verificar no gráfico 6.2.

Gráfico 6.2 Nível do curso que frequentam depois da licenciatura na UAb

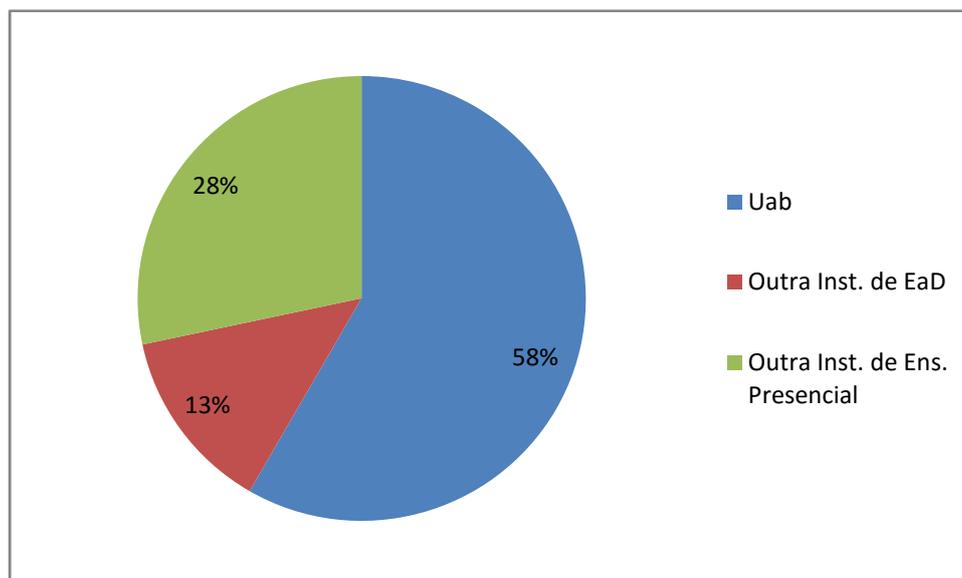


Dos estudantes que pretendem regressar ao ensino superior, a maioria quer aperfeiçoar-se, ir além de uma licenciatura, através de pós-graduação, mestrado ou, ainda, doutoramento, sendo apenas uma minoria a preferir a obtenção de outra licenciatura (10% do total).

Também entre aqueles e aquelas que já se encontram a estudar, 87% estão a realizar uma pós-graduação ou um mestrado e ainda quatro alunos estão inscritos em programas de doutoramento (3%). Destes mestrados ou pós-graduações, a maioria é realizada dentro da oferta da Universidade Aberta, como aliás podemos inferir pela proporção global no gráfico 6.3. Entre os licenciados que prosseguiram os seus estudos, 58% continuam a estudar na instituição (dados semelhantes à edição anterior do inquérito) e ainda 19% em outras universidades portuguesas públicas.

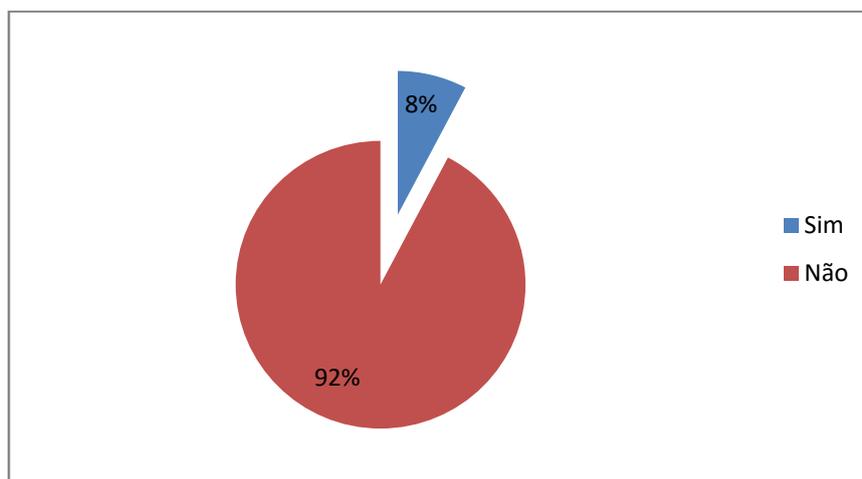
É de salientar, como referido anteriormente, o papel motivador no trajeto de parte dos alunos e das alunas da Universidade Aberta em continuar os estudos, não só na mesma instituição (58%), mas também noutras instituições de ensino superior a distância (13 %) e em instituições de ensino superior presencial (28%). Neste contexto, a instituição desempenha um papel de promoção da formação superior, especialmente para estudantes que provavelmente não teriam feito a licenciatura se não encontrassem uma oferta disponível na Universidade Aberta. Uma proporção quatro vezes superior escolhe a UAb em detrimento de outras instituições do ensino superior a distância. Saliente-se que 28% dos alunos e das alunas da Universidade Aberta prosseguem seus estudos em universidades ou politécnicos em modalidade de ensino presencial, o que pode ser considerado como um elemento a refletir sobre a mobilidade positiva dos licenciados da UAb.

Gráfico 6.3 Repartição dos/as licenciados/as que prosseguiram os seus estudos, por tipo de instituição



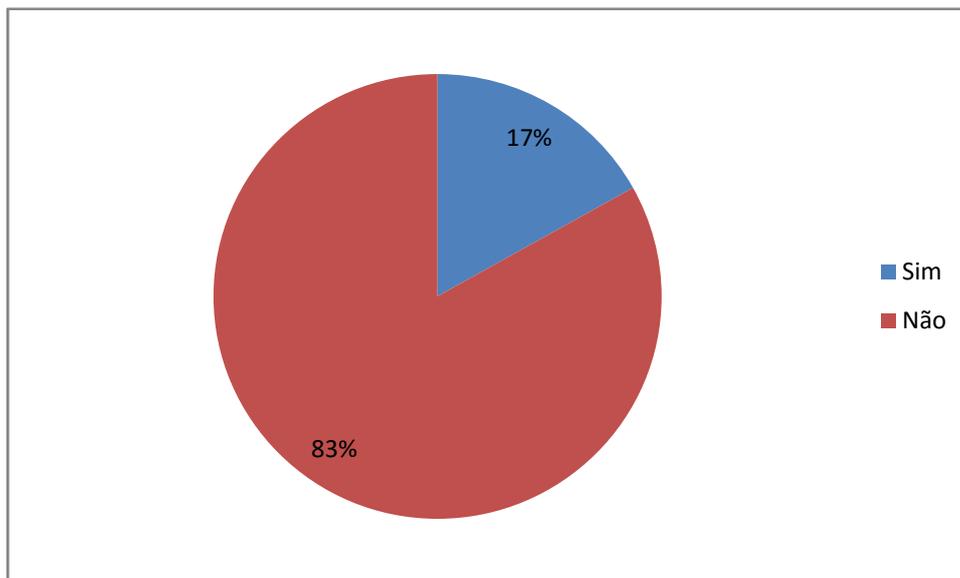
Destaque-se ainda que na questão seguinte sobre a manutenção de contactos com a Universidade Aberta, 80 (20%) dos que responderam declararam estar a realizar licenciatura, pós-graduação, mestrado, doutoramento ou ALV. No cômputo geral, e fora o caso da inscrição em cursos, a participação posterior em projetos e atividades da Universidade Aberta é relativamente baixa, como atestam os gráficos apresentados em seguida. Assim sendo, apenas 8% dos licenciados em 2014 e 2015 participa em projetos ou atividades da UAb.

Gráfico 6.4 Participação em projetos/atividades da UAb



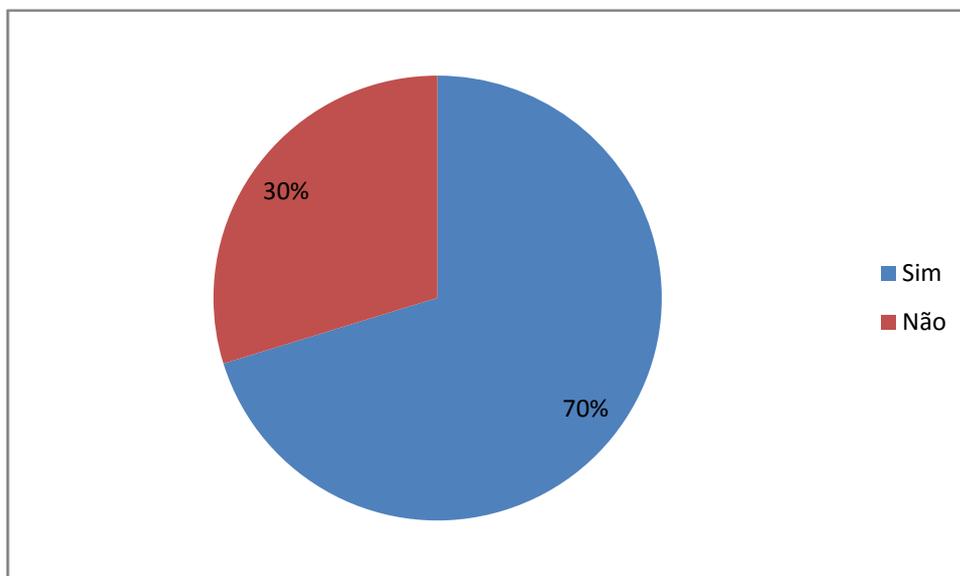
Esta proporção passa para 17% quando se trata de participação em reuniões ou convívios de antigos/as alunos/as, enquanto no inquérito anterior o valor era de 12%.

Gráfico 6.5 Participação reuniões/convívios de antigos/as alunos/as



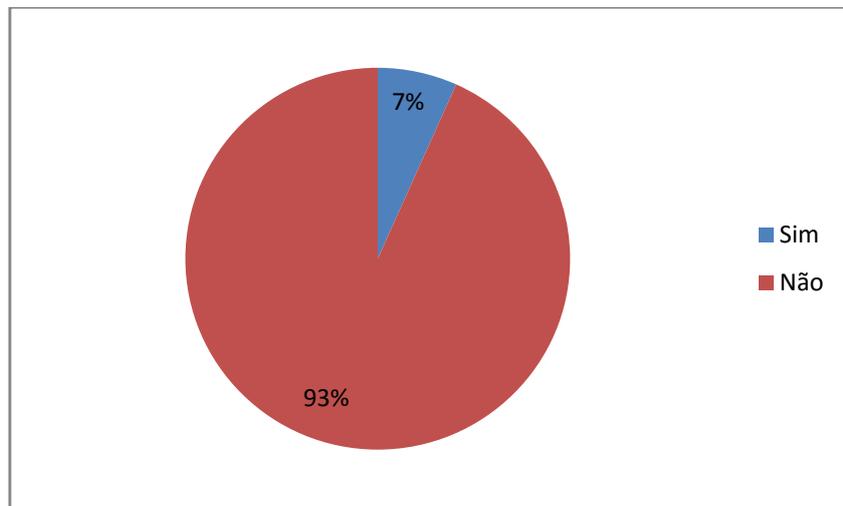
Quase 70% dos/as alunos/as afirma receber informação eletrónica da UAb ou segue os *media* digitais. A diferença relativamente a outras modalidades de interação com a universidade pode estar relacionada com a presença do fator espacial e das vivências quotidianas, dado que a larga maioria dos estudantes trabalha a tempo inteiro e tem responsabilidades familiares, encontrando-se territorialmente muito dispersa.

Gráfico 6.6 Receção de informação eletrónica da UAb e media digitais



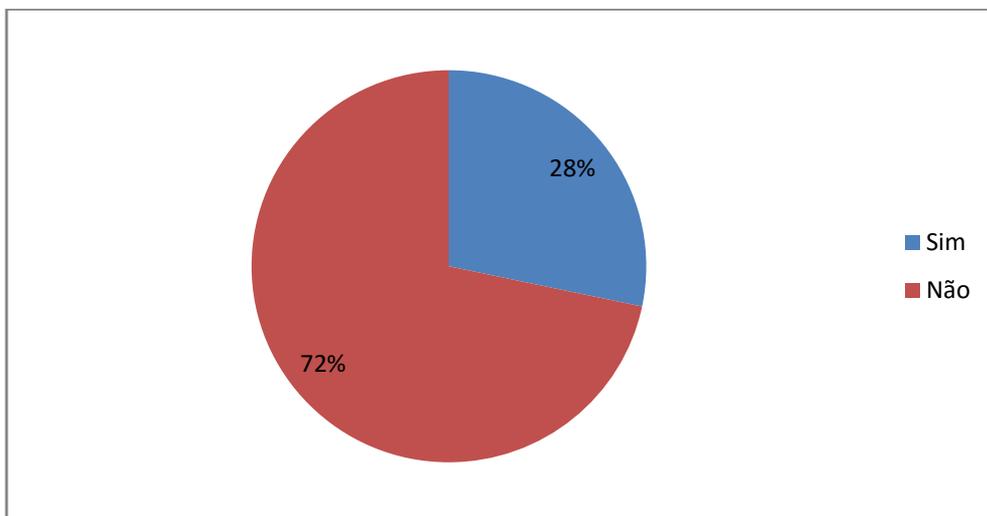
A percentagem dos licenciados em 2014 e 2015 que mantém o contacto com ex-professores ronda os 7%, um número baixo e que merecia mais atenção. O fator geográfico deve ser importante neste resultado, tal como no ponto a seguir, relativo aos contactos com os colegas.

Gráfico 6.7 Contacto com ex-professores



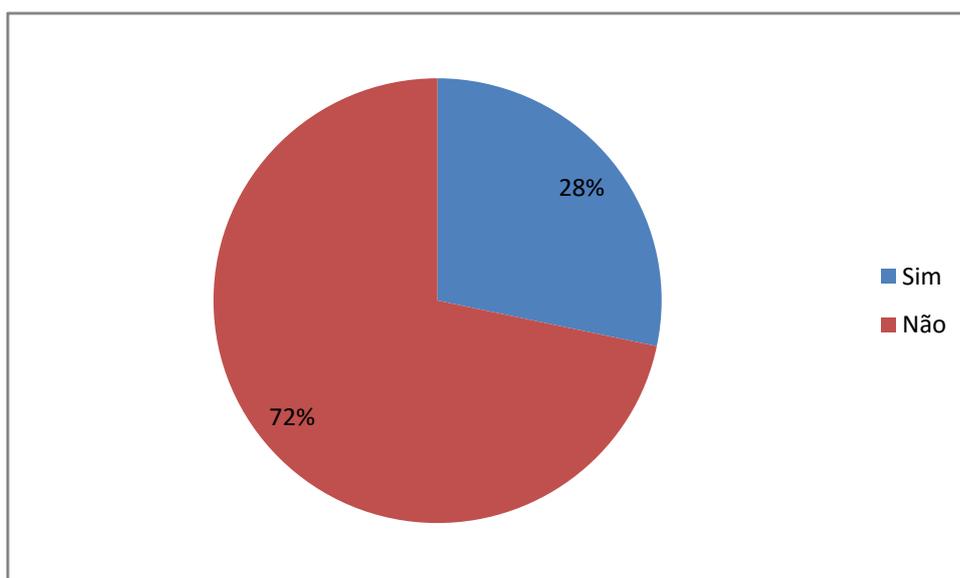
Como previsto, o contacto com os e as ex-colegas é mais elevado, na ordem dos 28% (gráfico 6.8). E aqui também devem entrar em consideração os fatores geográficos, mas em sentido contrário ao dos professores. Ao longo dos estudos e das avaliações, muitos e muitas estudantes vão conhecendo colegas da sua área de residência, de local de exame ou de trabalho.

Gráfico 6.8 Contacto com ex-colegas



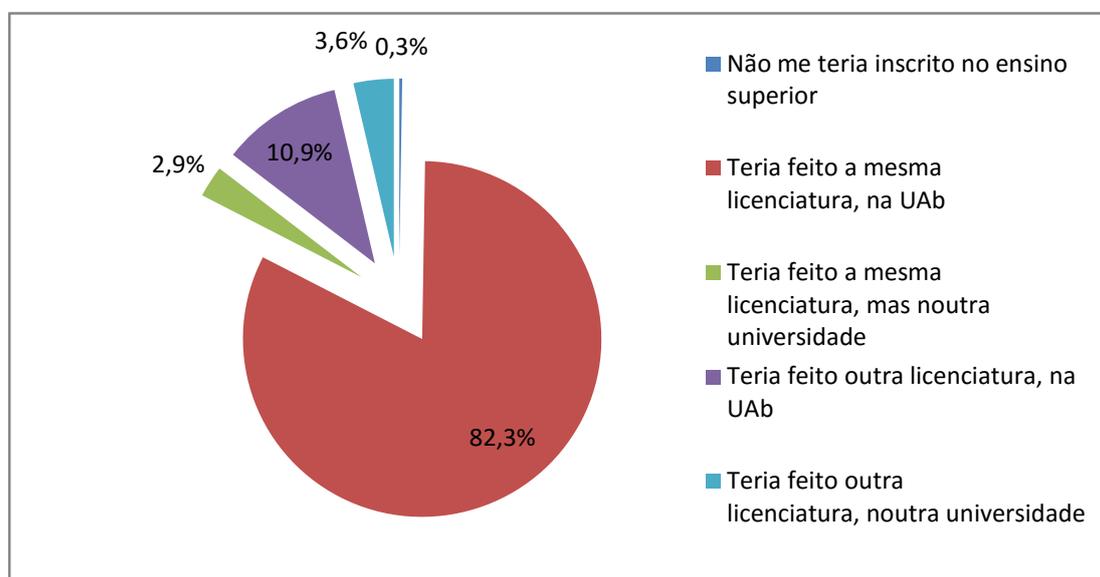
Quase três quartos dos graduados e das graduadas não mantiveram contactos com a Universidade Aberta após terem concluído a licenciatura (72% agora enquanto era 75% no inquérito anterior), aspeto que merece reflexão, até por contrastar com as perceções genericamente positivas acerca da instituição e com os projetos de prossecução de percursos de formação ao longo da vida (ver gráfico 6.9).

Gráfico 6.9 Contacto com UAb posterior à conclusão da licenciatura



Colocando-se a possibilidade de voltar atrás no seu percurso, a larga maioria (82%) dos diplomados teria realizado a mesma licenciatura, na Universidade Aberta, o que não deixa de ser um indicador positivo, sendo consistente com a satisfação da maioria dos diplomados com os estudos realizados na instituição, já analisada no capítulo 4. É curioso que mesmo entre aqueles que, se pudessem voltar atrás, teriam escolhido outra opção, a maioria teria optado por realizar outra licenciatura na Universidade Aberta (11%).

Gráfico 6.10 Resultados da resposta à questão “Se pudesse voltar atrás...”



Em termos de perspetivas profissionais, podemos destacar três subgrupos. Um primeiro, mais reduzido, em que a perspetiva de mudança é importante, por necessidade ou por opção. Este primeiro grupo, que totaliza 9% dos inquiridos, é composto por quem está à procura de um emprego (6%) ou quem está a pensar abrir uma empresa ou iniciar um negócio por conta própria (3%).

O segundo grupo é constituído por quem pretende mudar de profissão dentro da organização laboral em que se encontra (20%), manter-se na profissão mas mudando de organização (5%), ou ainda mudar simultaneamente de profissão e de organização (15%). Em qualquer dos casos, é de realçar que há um conjunto de alunos com perspectiva de mudar por várias razões e que totalizam 29 % do total dos inquiridos. É uma proporção significativa, e até surpreendente, especialmente se tomarmos em conta o perfil dos nossos alunos e sua distribuição etária (ver capítulo 2).

Estes dois primeiros grupos são os da perspectiva de mudança, mas existe ainda um terceiro subgrupo, dominante, o da “prudência”, com um total de 71% dos estudantes, podendo aqui esta opção estar mais associada a lógicas de lealdade ou de apatia. Não há neste grupo muita aposta no risco de mudança, sendo possível distinguir duas categorias: os que se conformam, esperando manter-se na situação em que se encontram e/ou reformar-se (27%), e os que esperam evoluir dentro de uma estabilidade garantida, através de uma promoção ou mudança de posto de trabalho dentro da organização (44%).

Note-se que este subgrupo representa quase dois terços do total e que há um pouco mais de quarto do total que não parece ter esperança de evoluir (27%), enquanto quase metade (44%) espera uma evolução estável.

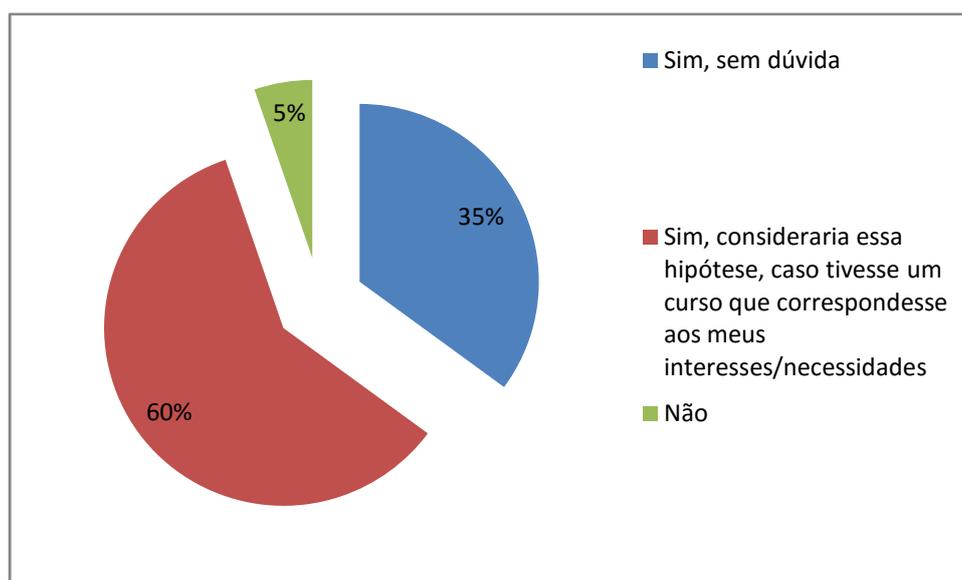
Gráfico 6.11 Projetos/expetativas profissionais a 3 anos



Mais de metade dos diplomados e das diplomadas encara a possibilidade de, no futuro, realizar um curso de pós-graduação ou de segundo ou terceiro ciclo (57%, gráfico 6.12) e apenas 7% uma outra licenciatura. Estes dados são consistentes com os avançados anteriormente no gráfico 6.2 sobre nível de curso pretendido.

Será ainda de ressaltar que, no caso daqueles e daquelas que têm projetos formativos para os próximos anos, a larga maioria coloca a possibilidade de fazê-lo na Universidade Aberta, distinguindo-se um segmento de 30% que não tem dúvidas quanto a essa questão e um outro, mais numeroso (62%), que colocaria essa possibilidade, caso encontre na instituição uma oferta formativa que se adeque aos seus interesses e/ou necessidades.

Gráfico 6.13 Ponderação da Universidade Aberta para concretizar dos projetos formativos



Quanto às áreas de formação que pretendem estudar, de um total de 294 respostas válidas para a primeira opção de formação, as áreas para estudo futuro que mais se destacam são as ciências sociais (89 respostas), a gestão (77), a educação (27), as línguas e literatura (26), a história e património (21) e a ciências e o ambiente (21). Refira-se ainda a informática (10) e as bibliotecas, informação e arquivos (6).

Podemos constatar que há cada vez menos respostas que incluem as áreas de formação quando se passa da área privilegiada ou primeira escolha (294) para a segunda escolha (211) e a terceira escolha (143), surgindo alguns temas mais específicos, como o empreendedorismo. Tal como noutros, neste caso, será importante uma análise mais aprofundada, no seio de cada área científica, o que supera os objetivos deste primeiro relatório.

FIM